

Revista Mensal - Ano 71 - nº 758 - €1,70

JULHO - 2010

Revisista ADVENTISTA



O SIGNIFICADO DO *Sábado*



O Caminho para a Esperança

“Eu Sou o Caminho... ninguém vem ao Pai, senão por Mim” (João 14:6).

Um dia, uma voz me segredou,
e no meu coração,
essa doce voz,
bem alto ecoou:
Eu Sou o Caminho!
O Caminho Eu Sou!

Não me disse se era vereda ou estrada,
um atalho, uma picada;
falou-me apenas,
de um Caminho a percorrer...
de um Caminho que devo conhecer...

Gostaria de percorrê-lo contigo,
– disse-me a voz –
mas precisas de em Mim confiar.
Quero ser a tua força,
o teu abrigo;
quero ser o teu amparo,
o teu amigo;
um companheiro sempre presente,
no caminho que tens de palmilhar.

Nessa longa caminhada,
darás apenas um passo,
um passo de cada vez...

Não vai ser fácil,
pois muitas vezes
sofrerás duras provas,
alguns reveses,
mas é bom que saibas
que sem Mim, nada podes fazer...

Eu Sou o Caminho
que conduz à Vida,
que te dá guarida.
Caminho com novo rumo,
um rumo certo.

Irás cair,
talvez magoar-te,
mas, comigo por perto,
pronto a amparar-te,
nada deves temer...

E eu, senti-me assim,
qual peregrino
numa imensa encruzilhada,
olhando a longa estrada
que não finda
e que não tem recomeço.

De olhos postos no lugar
de onde me veio essa voz,
perguntei:
– Que caminho queres mostrar-me?

E a voz me respondeu:
Caminho de alegria e paz!
Caminho que te traz perdão
e esperança de salvação!
Caminho pleno de escolhos,
de barreiras, sobressaltos,
dificuldades também,
mas tão cheio de venturas
que esquecerás o teu sofrer
sonhando com o Lar de além,
onde em plena felicidade
gozarás a eternidade!

E de novo, ao coração,
essa voz me segredou:
– Eu Sou o Caminho!
O Caminho Eu Sou...

Maria Sales
7 Maio de 2010

DIAS E OFERTAS ESPECIAIS:**JULHO**

- 59ª Sessão da Conferência Geral ----- 23 de Junho a 3 de Julho
- II Jornadas Internacionais de Educação – Espanha ----- 19-20
- Acampamento Nacional de Tições ----- 19-26
- Acampamento Nacional de Desbravadores ----- 20 de Julho a 6 de Agosto

AGOSTO

- Escola de Formação para os Ministérios da (UPASD) “Anunciai ao Mundo”----- 1-6
- Acampamento Nacional de Companheiros ----- 8-17
- Impacto 2010 ----- 19-29
- Acampamento de Famílias ----- 19-29

COMUNIDADE DE ORAÇÃO

Este mês de **Julho** vamos orar pelos seguintes campos e instituições da nossa Divisão:

- 5-9 – Associação Belgo-Luxemburguesa (FBU)
- 12-16 – Casa Publicadora Alemã Saatkorn Verlag (EUD)
- 19-23 – Associação de Baden-Württemberg (SGU)
- 26-30 – União Portuguesa (PU)

COMUNICAÇÃO**“TEMPO DE ESPERANÇA”**

No programa **“Fé dos Homens”**, na RTP2, com transmissão diária de Segunda a Sexta-feira, a partir das 18:00h e na Antena 1 a partir das 22:47h, a Igreja Adventista terá um espaço nas seguintes datas:

- Segunda-feira, 5 de Julho
- Segunda-feira, 26 de Julho
- Segunda-feira, 16 de Agosto



APRENDA INGLÊS NA INGLATERRA

CURSOS GERAIS
 25 jan.-14 maio 2010
 1 set.-15 dez. 2010
 24 jan.-12 maio 2011

CURSOS DE VERÃO
 8 julho-2 agosto 2010

Venha para o curso completo ou para um de seus módulos

Módulo 1: 8-19 julho
Módulo 2: 16-26 julho
Módulo 3: 23 jul.-2 agosto

Newbold College
 Binfield, Bracknell, Berkshire
 RG42 4AN, Inglaterra, UK
 Telefone: +44 1344 407421
 Fax: +44 1344 407405
 www.newbold.ac.uk
 Endereço Eletrônico: admissions@newbold.ac.uk

NEWBOLD COLLEGE a mind-opening experience

Revista ADVENTISTA

ÍNDICE

- 2 Poesia**
O Caminho para a Esperança
- 3 Memo/Anúncio**
- 4 Página do Leitor**
Gratidão
- 5 Editorial**
Dia de Deus: Tempo de Decisão
- 6 Artigo de Fundo**
O Significado do Sábado
- 9 Vida Cristã**
“O Comboio da Manhã”
- 13 Ciência e Religião XVII**
A Verdade Sobre o Cristianismo V – A Ciência dos Milagres
- 18 Publicações**
O Poder da Imprensa
- 22 Evangelismo**
Uma Cultura com Fome de Deus
- 26 Educação**
Jesus, o Professor Magistral
- 30 A Igreja em Acção**
- 32 Devocional**
Somos Observados – Que imagem de Deus estamos a transmitir?
- 35 Reflexão**
O Último Inimigo



IGREJA
ADVENTISTA
DO SÉTIMO DIA

LARA VARANDAS

Revista ADVENTISTA

“Eis que cedo venho”

A nossa missão é realçar Jesus Cristo usando artigos e ilustrações para demonstrar o Seu amor sem igual, dar as boas-novas do Seu trabalho presente, ajudar outros a conhecê-LO melhor e manter a esperança da Sua breve volta.

A Revista Adventista, Órgão da Igreja Adventista do Sétimo Dia em Portugal, é publicada mensalmente pela União Portuguesa dos Adventistas do Sétimo Dia desde 1940 e editada pela Publicadora SerVir, S.A.

Director: José Eduardo Teixeira

Coordenador Editorial: Manuel Ferro

Chefe de Redacção: Paulo Sérgio Macedo

Colaboradores de Redacção: Ernesto Ferreira e Lara Varandas

Programação Visual e Diagramação:

Sara Calado

São bem-vindos todos os manuscritos, mesmo os não solicitados, cujo conteúdo esteja de acordo com a orientação editorial da revista. Todos os artigos devem incluir o nome e a morada do autor bem como o número de telefone e fax, se for o caso. Se forem enviadas fotos, elas só serão devolvidas em caso de pedido expresso, senão ficam a fazer parte do arquivo da Publicadora SerVir.

E-mail: revista.adventista@pservir.pt

Proprietária e Editora:

Publicadora SerVir, S.A.

R. da Serra, 1 – Sabugo

2715-398 Almargem do Bispo

Tel. 219 626 200 – Fax 219 626 201

Director Comercial: Enoque Pinto

Controlo de Assinantes:

(Assinaturas, Facturação e Alteração de Moradas)

Responsável: Paula Raimundo

e-mail: assinaturas@pservir.pt

Tel. 219 626 219 - Fax 219 626 201

Expedição e Armazém:

R. da Serra, 1 – Sabugo

2715-398 Almargem do Bispo

Tel. 219 626 200 - Fax 219 626 202

Impressão e Acabamento:

Offset Mais, S.A.

Tiragem: 1500 exemplares

Depósito Legal N° 1834/83

Preço: Número Avulso: €1,70

Assinatura Anual: €17,00

ISENTO DE INSCRIÇÃO NO E.R.C. –

DR 8/99 artº 12º N° 1a

ISSN 1646-1886

Ano 71 – N° 758 / JULHO 2010



IGREJA
ADVENTISTA
DO SÉTIMO DIA

As Vozes da Igreja

Gratidão



*Sou grata ao Senhor,
Porque o meu nome escrito está no Livro da
Vida do Cordeiro...
E porque sou herdeira dessas mansões eternas
Que Deus está a preparar.
E porque, de um modo muito especial, eu sou
alvo do Seu amor!*

*Sou grata ao Senhor,
Pelo Seu terno cuidado por mim,
Pelo Seu amor sem fim,
Porque sobre Ele posso lançar
Todos os meus fardos e todos os meus cuidados,
Certa de que Ele me mostrará favor!*

*Sou grata ao Senhor,
Porque, nas minhas angústias e aflições,
Ele está atento às minhas orações.
Ele ouve, escuta e atenta; não é indiferente...
O Seu amor é permanente...
E, na Sua infinita sabedoria,
Dá a resposta certa para cada dia,
Para que o meu coração de fé se encha,
E a minha alma transborde de alegria.*

*Sou grata ao Senhor,
Porque a Bem-aventurada esperança do Seu
breve regresso
Enche o meu coração de confiança;
Porque Ele é Fiel e Leal,
Não me desilude e, como tal,
Dedicação a Cristo expresso!
Sou grata ao meu Senhor!*

Helena Robalo
Igreja de Corroios

Lara Varandas
Redactora da Publicadora SerVir

Enviar para:

Revista Adventista
(A/C Lara Varandas)
Publicadora SerVir, S.A.
Rua da Serra, 1
Sabugo
2715-398 Almargem do Bispo
ou para: lara.pservir@sapo.pt

DIA DE DEUS: *Tempo de Decisão*

*A*o longo da história da humanidade, o Sábado tem sido um dos alvos preferidos dos ataques de Satanás. Esses ataques têm sido desferidos de diferentes formas, directa ou indirectamente. O próprio povo judeu, como salienta o Pr. Alberto Timm, autor do artigo de fundo desta revista, “ofuscou essa verdade... dando-lhe uma forte ênfase legalista”. Possivelmente esta atitude extremista condicionou em muito a aceitação do cristianismo pós-apostólico, numa tentativa de não-identificação com o referido povo. Como consequência, Alberto Timm salienta que esse “cristianismo pós-apostólico não mediu esforços para se distanciar dessa instituição divina”.

Acredito que, no presente e no futuro, os ataques a esse memorial do Éden vão continuar, mas, numa primeira fase, de uma forma mais requintada e indirecta, para não levantar muito alvoroço. Assim, Alberto Timm, na introdução do seu artigo e citando a *Carta Apostólica DIES DOMINI* do papa João Paulo II, relembra o “apelo ao clero e aos fiéis da Igreja Católica para enaltecerem mais intencionalmente a santificação do Domingo”.

“Por outro lado, o momento de crise que vivemos proporciona que haja uma reflexão sobre todo um conjunto de questões relacionadas com valores. Os hábitos e as rotinas adquiridos relativamente ao trabalho, em especial o horário, perdem relevância face ao fantasma do desemprego e à pressão sobre a produtividade. Esta redefinição tem levado alguns actores sociais a considerarem legalmente um dia único de descanso, com o meritório objectivo de garantir um descanso mínimo e a união das famílias. Infelizmente, se tal dia vier a ser de descanso obrigatório e os restantes de trabalho obrigatório – e se for negado o direito específico de reservar um outro dia para esses efeitos, mesmo que por

princípios religiosos – graves problemas advirão a todos os que desejarem manter a fidelidade ao Sábado bíblico. Se é verdade que já há algumas décadas se discute no panorama europeu que esse dia seja estipulado, e parecendo até que no nosso país a corrente vá para o lado contrário, nunca como hoje se percebeu que alguns actores sociais, religiosos e políticos vêem com mais seriedade essa possibilidade. Restamos aguardar pelo desenrolar dos tempos, com “reverente confiança”, na certeza de que a História mostra e a Profecia

anuncia que as dificuldades são as melhores oportunidades para o testemunho da verdade”. – *Dr. Paulo Sérgio, adjunto do Departamento de Comunicação para a área da Liberdade Religiosa da nossa União.*

A profecia é clara quanto à fúria final contra o dia do Senhor. A grande ques-

A profecia é clara quanto à fúria final contra o dia do Senhor. A grande questão que me preocupa é saber se eu e os meus irmãos estamos preparados para resistir a esse ataque, com serenidade e confiança em Deus.

tão que me preocupa é saber se eu e os meus irmãos estamos preparados para resistir a esse ataque, com serenidade e confiança em Deus. Só há uma maneira de o fazer: é firmando as nossas convicções mediante uma profunda relação com o Senhor do Sábado. No contexto adventista, sinto que está a ser cada vez mais difícil quebrar as rotinas do dia-a-dia a fim de vivermos o Sábado com a solenidade e santidade que o mesmo requer. É verdade que o Sábado não é um fim em si mesmo, mas a bênção que a ele está associada é a da presença de Deus como o grande Criador e Redentor da raça humana. O desafio que a Palavra de Deus nos lança é o de termos tempo de qualidade, **mas na presença do Senhor.**

Deus espera que possamos defender esta instituição divina com todas as nossas forças, não tanto com manifestações e artigos altamente convincentes, mas com um testemunho de vida em perfeita reverência para com o Criador. ■

José Eduardo Teixeira
Presidente da UPASD



O SIGNIFICADO

DO

Sábado

Alberto R. Timm

o Sábado é um dos temas mais relevantes e significativos das Escrituras. Como “um santuário no tempo”,¹ ele lembra e enaltece a acção criadora e redentora de Deus. Mas, lamentavelmente, a observância desta instituição foi sendo ofuscada pela aceitação de ensinamentos não bíblicos. No período intertestamentário, os mestres do judaísmo revestiram o Sábado de uma forte ênfase legalística. Por sua vez, o cristianismo pós apostólico não mediu esforços para se distanciar desta instituição divina, buscando, por todos os meios possíveis, transferir a santidade do Sábado para o Domingo (cf. Dan. 7:25). Um golpe ainda mais profundo foi dado pelo evolucionismo moderno, propondo que tanto o Sábado como o próprio Criador do Sábado não passam de entidades mitológicas.

Significativos esforços vêm sendo feitos para revitalizar a observância do Domingo no mundo contemporâneo. Por exemplo, o Papa João Paulo II publicou, em 1998, a sua *Carta Apostólica “Dies Domini”*, apelando ao clero e aos fiéis

da Igreja Católica para enaltecerem mais intencionalmente a santificação do Domingo.² Em 2005, foi estabelecida nos Estados Unidos a “Comissão dos Dez Mandamentos”, formada por influentes líderes religiosos judaicos e cristãos. Desde o dia 7 de Maio de 2006, o primeiro “Domingo” de Maio de cada ano tem sido comemorado naquele país como o Dia dos Dez Mandamentos.³ Em ambos os casos, o Domingo é visto como substituto do Sábado.

Sem dúvida, o tempo é mais do que oportuno para uma compreensão mais acurada da natureza e do significado do Sábado bíblico. O presente artigo considera o Sábado na Criação, na Redenção e no tempo do fim.

Na Criação

A origem do Sábado está directamente relacionada com a obra de Deus como Criador de todas as coisas. A semana da Criação atingiu o seu clímax quando Deus descansou no sétimo dia, além de o abençoar e santificar (Gén. 2:2, 3). Este triplo acto divino representou a instituição do Sábado para os seres humanos (Mar. 2:27). Karl Barth sugere que “a clara inferência é que a Criação, e supremamente o homem, descansou com Deus no sétimo dia e participou da Sua liberdade, descanso e alegria, mesmo não tendo ainda realizado nenhum trabalho que tivesse de cessar. E a sua liberdade, descanso e alegria no Sábado podiam apenas observar a obra de Deus e não a sua própria”.⁴

De acordo com o quarto mandamento do Decálogo, o Sábado deve ser observado “porque, em seis dias, fez o Senhor os céus e a terra, o mar e tudo o que neles há e, ao sétimo dia, descansou; por isso, o Senhor abençoou o dia de Sábado e o santificou” (Êx. 20:11). Na epístola aos Hebreus, o descanso divino “no sétimo dia” da semana da Criação é mantido como modelo para os cristãos (ver Heb. 4:4-11). Portanto, a alegação papal de que “o preceito do Sábado ... na primeira Aliança prepara o Domingo da nova e eterna Aliança”⁵ é simplesmente insustentável. O próprio mandamento divino define que “o sétimo dia é o Sábado do Senhor, teu Deus” (Êx. 20:10).

Embora os mestres do judaísmo revestissem o Sábado de um formalismo legalístico antibíblico, a verdadeira observância do Sábado é o maior antídoto contra o legalismo. Comentando o primeiro Sábado na existência de Adão e Eva, Sakae Kubo menciona que “eles descansaram, não por causa de algo que tinham feito, mas porque Deus tinha finalizado a Sua obra. Não podiam apresentar qualquer coisa que *eles* tivessem feito. Tudo o que podiam fazer era ver o que Deus tinha feito por eles. Consequentemente, eles aproximaram-se do Sábado de mãos vazias de qualquer mérito humano”.⁶

A ENTRADA DO PECADO NO MUNDO GEROU UMA REALIDADE ANTAGÔNICA AOS IDEAIS DIVINOS.

Observando o Sábado, somos levados a reconhecer Deus como o nosso Criador, a nós mesmos como as Suas criaturas; e a deixar de lado os nossos “próprios interesses” (Isa. 58:13) para confiar nas obras de Deus. Ellen White declara: “Se o Sábado tivesse sido guardado universalmente, os pensamentos e afectos dos homens teriam sido dirigidos ao Criador como objecto de reverência e culto, e nunca teria havido um ídólatra, um ateu, ou um infiel. A guarda do Sábado é um sinal de lealdade para com o verdadeiro Deus, ‘Aquele que fez o céu, e a terra, e o mar, e as fontes das águas’.”⁷

Na Redenção

A entrada do pecado no mundo gerou uma realidade antagónica aos ideais divinos. Deus, porém, estabeleceu um plano destinado a reverter essa realidade. O Sábado, que já era um símbolo da obra *criadora* de Deus, tornou-se também um símbolo da Sua obra *redentora*. Este significado adicional do Sábado é evidente em pelo menos três importantes momentos da história da salvação. O primeiro deles foi a dádiva do maná durante seis dias da semana e o milagre da sua preservação durante o Sábado (Êx. 16:22-24). Nesse incidente, o alimento era provido e preservado pela actuação divina, sem méritos humanos.

Outro importante momento foi a própria enunciação da Lei no Sinai (ver Êx. 19 e 20), que ocorreu num “contexto de graça”,⁸ precedido pela eleição de Israel (Deut. 6:6-8) e

pela sua libertação da escravidão egípcia. Em Êxodo 20, o Decálogo é introduzido pela declaração da graça salvadora de Deus: “Eu sou o Senhor, teu Deus, que te tirei da terra do Egito, da casa da servidão” (v. 2). Em Deuterónimo 5, a mesma graça salvadora é incorporada ao próprio mandamento do Sábado: “porque te lembrarás que foste servo na terra do Egito e que o Senhor, teu Deus, te tirou dali com mão poderosa e braço estendido; pelo que o Senhor, teu Deus, te ordenou que guardasses o dia de Sábado” (v. 15).

Qualquer tentativa de inserir o Decálogo e o Sábado numa moldura legalista é desonesta para com o texto bíblico. Gerhard von Rad esclarece que “é impossível, pois, considerar os mandamentos do Deuterónimo como uma ‘lei’, no sentido teológico, que leve Israel a merecer a salvação pela observação global das exigências divinas. Os mandamentos do Deuterónimo são antes uma grande explicação do mandamento do amor por Javé e de apego exclusivo a Ele (Deut. 6:4). Esse amor é a resposta de Israel ao amor divino que lhe foi testemunhado”.⁹

O terceiro importante momento que associa o Sábado com a obra de redenção é o supremo evento da paixão de Cristo. Durante o Seu ministério terrestre, Jesus não apenas

frequentava a sinagoga no Sábado (Luc. 4:16), mas também procurava restaurar a verdadeira observância do Sábado como expressão da graça redentora de Deus, afirmando ser “lícito, nos sábados, fazer o bem” (Mat. 12:12). Esse processo atingiu o seu clímax quando Ele descansou na sepultura no fim da semana da paixão. Assim como no princípio Ele tinha repousado “no Sábado após a Sua obra de criação”, Ele descansou outra vez no Sábado “da obra de redenção”.¹⁰ Seguindo o Seu exemplo, também os discípulos, “no Sábado, descansaram, segundo o mandamento” (Luc. 23:56).

Um dos argumentos mais usados para justificar a observância do Domingo é que a ressurreição de Cristo no “primeiro dia da semana” (Mat. 28:1; Mar. 16:1, 2; Luc. 24:1; João 20:1) transformou esse dia num substituto do Sábado bíblico do sétimo dia. Mas a observância do Domingo não possui nenhuma base bíblica, e desrespeita a obra criadora e redentora de Deus, da qual apenas o Sábado é um símbolo. A alegação de que a Bíblia favorece o princípio da observância de um dia em sete, independente de qual seja esse dia, está baseada numa releitura equivocada das Escrituras. Como já mencionado, o mandamento do Sábado estabelece especificamente que “o sétimo dia é o Sábado do Senhor, teu Deus” (Êx. 20:10). Portanto, o conflito entre o Sábado e o Domingo é, em última instância, uma disputa entre a autoridade de Deus e as pretensões humanas.

No tempo do fim

O livro do profeta Daniel descreve um poder apóstata que desrespeitaria a autoridade do Altíssimo, deitando “por terra a verdade” e cuidando “em mudar os tempos e a lei” (7:25; 8:12). Cristo referiu-Se à actuação desse poder como ainda futura, nos Seus dias (Mat. 24:15). Em contraste, Daniel 8:13 e 14 declara que, no fim das 2300 tardes e manhãs, surgiria um movimento de restauração da verdade. Nesse processo, seria de fundamental importância a proclamação da primeira mensagem angélica de Apocalipse 14: “Vi outro anjo voando pelo meio do céu, tendo um evangelho eterno para pregar aos que se assentam sobre a terra, e a cada nação, e tribo, e língua, e povo, dizendo, em grande voz: Temei a Deus e dai-Lhe glória, pois é chegada a hora do Seu juízo; e adorai Aquele que fez o céu, e a terra, e o mar, e as fontes das águas” (vs. 6, 7).

O conteúdo desta mensagem angélica enaltece Deus como Criador (“Aquele que fez”) e Redentor (“evangelho eterno”). A expressão “fez o céu, e a terra, e o mar, e as fontes das águas” (Apoc. 14:7) é extraída do quarto mandamento do Decálogo, onde é dito que “fez o Senhor os céus e a terra, o mar e tudo o que neles há” (Êx. 20:11; cf. Sal. 146:6).¹¹ De acordo com Jon Paulien, a “atenção ao mandamento do Sábado é, portanto, a resposta que Deus busca dos Seus fiéis seguidores”.¹² O povo remanescente de Deus é descrito na terceira mensagem angélica como aqueles que “guardam os mandamentos de Deus e a fé em Jesus” (Apoc. 14:12).

Identificando “os mandamentos de Deus” com o Decálogo (Êx. 20:3-17), Simon J. Kistemaker afirma que “a Lei de Deus perdura ao longo das eras; não necessita de ser emendada; é relevante para todas as culturas; e jamais será repudiada”.¹³ Evidentemente, a restauração da verdade no tempo do fim envolve também a restauração do quarto mandamento, que ordena a observância do “Sábado do Senhor, teu Deus” (Êx. 20:10). À semelhança do antigo Israel, o povo de Deus ainda hoje necessita de ser “reparador de brechas e restaurador de veredas” com respeito à observância do Sábado (Isa. 58:12-14).

Em Hebreus 4:4-11, o descanso de Deus no sétimo dia da Criação (Gén. 2:2, 3; cf. Êx. 20:8-11) é mantido como modelo para os cristãos. Um estudo detido desse “repouso” (grego *sabbatismós*), no qual o “povo de Deus” deve entrar (v. 9), revela ser o descanso da justificação pela fé, do qual o Sábado é um sinal.¹⁴ E o apelo de Hebreus 4:11 é: “Esforcemo-nos, pois, por entrar naquele descanso, a fim de que ninguém caia, seguindo o mesmo exemplo de desobediência.”

Conclusão – O Sábado é uma instituição divina estabelecida para os seres humanos no fim da semana da Criação. Transpondo os séculos, ele chega até nós como um santuário no tempo, revelando e mostrando Deus como nosso Criador e Redentor. A despeito de todas as tentativas de revesti-lo com uma roupagem legalística, o Sábado bíblico enfatiza

sempre as graciosas obras de Deus, e não os méritos humanos. Observando-o em conformidade com os mandamentos divinos, reconhecemos que os caminhos de Deus, embora nem sempre sejam os mais fáceis, são sempre melhores do que os nossos próprios caminhos. Sem dúvida, “o Sábado é um elo de ouro que liga Deus ao Seu povo”.¹⁵

Deus espera que, nestes últimos dias da história humana, cada Adventista do Sétimo Dia não apenas creia no Sábado bíblico e o observe, mas também o proclame ao maior número possível de pessoas. Em Isaías 58:13 e 14, a promessa divina a todos os observadores do Sábado é: “Se desviares o pé de profanar o Sábado e de cuidar dos teus próprios interesses no Meu santo dia; se chamares ao Sábado deleitoso e santo dia do Senhor, digno de honra, e o honrares não seguindo os teus caminhos, não pretendendo fazer a tua própria vontade, nem falando palavras vãs, então, te deleitarás no Senhor. Eu te farei cavalgar sobre os altos da terra e te sustentarei com a herança de Jacob, teu pai, porque a boca do Senhor o disse.” ■

Alberto R. Timm

Reitor do SALT e coordenador do
Espírito de Profecia da Divisão Sul-Americana,
Brasília, DF

Referências

1. Ver Alberto R. Timm, “Um santuário no tempo” *Revista Adventista* (Brasil), Junho de 1998, pp. 8-10; republicado em *Momentos de Alegria: um dia sem estresse* (Brasil), ano 2001, pp.10-12.
2. *Carta Apostólica DIES DOMINI do Sumo Pontífice João Paulo II ao Episcopado, ao Clero e aos Fiéis da Igreja Católica Sobre a Santificação do Domingo* (São Paulo: Paulinas, 1998).
3. Ver www.tencommandmentsday.com Cf. Steve Wohlberg, “The Ten Commandments Day”, em www.the-ten-commandments.org (acessado em 11/10/09).
4. Karl Barth, *Church Dogmatics* (Edinburgh: T. & T. Clark, 1958), v. 3, parte 1, p. 217.
5. *Carta Apostólica DIES DOMINI*, p. 17.
6. Sakae Kubo, *God Meets Man – A Theology of the Sabbath and Second Advent* (Nashville, TN: Southern, 1978), pp. 47, 48.
7. Ellen G. White, *O Grande Conflito*, P. Servir, p. 364.
8. Gerhard F. Hasel, *Covenant in Blood* (Mountain View, CA: Pacific Press, 1982), p. 74.
9. Gerhard von Rad, *Teologia do Antigo Testamento: Teologia das tradições históricas de Israel* (São Paulo: Aste, 1973), 1:230, 231.
10. Ellen G. White, *O Desejado de Todas as Nações*, P. Servir, p. 657.
11. Kurt Aland et al, *The Greek New Testament*, 3ª ed., corrigida (Stuttgart: United Bible Societies, 1985), p. 871.
12. Jon Paulien, “Is the Sabbath Really in Revelation?”, *Perspective Digest* (EUA), v. 3, nº 3 (1998), pp. 39, 42.
13. Simon J. Kistemaker, *New Testament Commentary: Exposition of the Book of Revelation* (Grand Rapids, MI: Baker, 2001), p. 413.
14. Alberto R. Timm, “El significado del concepto de descanso en Hebreos 3 y 4”, *Theologika* (Peru), v. 10, nº 2 (1995), pp. 192-222.
15. Ellen G. White, *A Fé Pela Qual Eu Vivo*, p. 33.



“O COMBOIO DA MANHÃ”

Alvin M. Kibble

“E pela manhã vereis a glória do Senhor” (Ex. 16:7)*

Há alguns anos, um quarteto que acompanhava o falecido evangelista adventista Earl E. Cleveland costumava cantar o velho espiritual negro “I’m Going Home in the Morning Train” (Vou para Casa no Comboio da Manhã).

O “Comboio da Manhã” era um símbolo da bem sucedida fuga dum escravo para a liberdade nos estados do norte e no Canadá. “O comboio da noite pode ser demasiado tarde”, cantavam – uma forma de dizerem que os membros da comunidade deviam aproveitar enquanto podiam, e deviam “embarcar enquanto havia uma oportunidade”. O comboio da noite significava uma oportunidade desperdiçada. Cantavam: “muita gente veio mas o comboio já tinha partido”.

Shakespeare tinha a mesma ideia quando, na boca de Hamlet, ele disse da Providência: “Se for agora, não será mais tarde; se não for mais tarde, será agora; se não for agora, acontecerá mais tarde.”¹

O que foi dito da Providência, também foi sempre verdade de qualquer fuga bem sucedida de um escravo. Deviam estar prontos quando a oportunidade surgisse. Deviam agarrar o momento. Podiam não ter outra oportunidade!

Um Sentido Nato

O escravo afro-americano possuía o talento claro de ser capaz de ligar o íntimo com o supremo. Isto não é difícil de compreender quando se toma consciência de que, na sua África natal, tinham sido criados a acreditar que toda a vida é sagrada. Espiritualmente sensíveis e com uma experiência brilhante, conseguiam comunicar numa linguagem em código através da plantação e de uma plantação para outra.

Por exemplo, a cozinheira na “casa grande” (casa da plantação) poderia começar a cantar “steal away, steal away to Jesus!” (escapem, escapem para Jesus!). E enquanto passava assim a mensagem para as escravas e escravos domésticos, o rapaz que ia buscar água encaminhava-se para as carreiras de algodão, passando a palavra aos trabalhadores do campo. E a sua canção poderia ser “Going to lay down my burdens, down by the riverside” (vou depor os meus fardos na margem do rio).

E quando as sombras da noite desciam sobre a plantação, homens e mulheres, escurecidos pelo sol da Natureza, escapavam para confraternizarem e adorarem com sinceridade de coração. Um membro do grupo pregava sobre a história da redenção e, juntos, contavam a Deus os seus problemas. Quando acabavam, teriam reunido suficiente poder espiritual para enfrentarem os trabalhos do dia seguinte.

No dia seguinte, de manhã bem cedo, alguém que não tivesse conseguido ir à reunião – por ter ficado para trás como vigia – diria, àqueles que tinham ido, que nenhum dos donos dos escravos se tinha apercebido da reunião. O código poderia ser: “Oh, they couldn’t hear nobody pray” (Oh, eles não conseguiram ouvir ninguém orar).

A Igreja Invisível

No meio da agonia e da aflição da escravatura, essas nobres almas foram usadas por Deus para formarem o que poderíamos chamar a Igreja invisível – uma Igreja sem paredes, uma comu-

nidade de fé. Esta fé feita de esperança tornou-se a fonte da sua força, a alegria da sua vida, a esperança do seu futuro. Para citar os sentimentos do antigo teólogo de Harvard, Harvey Cox, a sua fé era “suscitada pelo mistério” que os rodeava – na sua África natal e no local para onde tinham sido transplantados. Mas a sua fé não era tanto uma fé teórica, mas uma fé gerada pelas realidades e dureza da sua existência.² Por outras palavras, para estes escravos, a fé era mais uma *incorporação* do que uma regra ou princípio teóricos quaisquer. Era algo que eles viviam, parte do seu próprio ser.

Nesta Igreja invisível, eles não só aprendiam e falavam a língua do Espírito; eles viviam *no Espírito*. A sua fé fornecia o estímulo para um movimento de libertação que resultou em fugas planeadas para o Norte. Eles chamavam ao Norte a “Terra Prometida”. E sempre que o “Comboio Subterrâneo” estava prestes a entrar em acção e a levar membros do seu grupo para a “Terra Prometida”, a notícia era dada no dia anterior através do cântico “I’m Going Home in the Morning Train!” (Vou para Casa no Comboio da Manhã!).

Isso era genial! Não havendo comboios nem linhas férreas à vista, esta gente cantava sobre o “Comboio da Manhã”, e os seus captores nunca foram capazes de interpretar a sua linguagem codificada. Só os escravos – membros da Igreja invisível que se reunia no meio do mato – compreendiam o significado.

UM VELHO ESPIRITUAL NEGRO

O Efeito Sobre Mim

Quanto mais estudo as experiências da escravatura, quanto mais penso na fé e na religião dos oprimidos, mais cresce a minha admiração por esses gigantes da fé.

O facto de alguém manifestar êxtase espiritual sob circunstâncias extraordinárias, não é prova conclusiva de que essa pessoa seja cristã. Como diz Ellen G. White: “Santidade não é um arrebatamento, mas uma inteira entrega da vontade a Deus; é viver por toda a palavra que sai da boca de Deus; é fazer a vontade do nosso Pai celestial; é confiar em Deus na provação, tanto nas trevas como na luz; é andar pela fé e não pela vista.”³

Sim, a fé era uma experiência de vida total para esse povo oprimido. Para eles, Deus era uma realidade sempre presente. E a adoração tinha lugar em qualquer momento e em qualquer lugar que o Espírito indicasse. “Sempre que sinto a acção do Espírito no meu coração, eu oro”, cantavam. Em sentido real, eles não perdiam o “Comboio da Manhã”. Esperavam por ele na estação, embarcavam, e iam nele da terra até à glória!

Uma Visão Ainda Maior

Contudo, para além de tudo isso, eles viam o significado espiritual da *manhã*, em si. Viam a sua escravatura na América como uma analogia da escravatura dos israelitas no Egipto. Moisés era o seu herói do Velho Testamento; e a “manhã” era considerada como “tempo de bênção”.

Deus movia-Se com poder de manhã, pois o texto diz “pela manhã vereis a glória do Senhor” (Ex. 16:7). “O choro pode durar uma noite, mas a alegria vem pela manhã” (Sal. 30:5).

Eles cantavam “Vou para Casa no Comboio da Manhã!”, e quando o comboio chegava, eles não queriam estar a caminho da estação. Esse é um grande problema para a Igreja. Há muitas pessoas que são membros da Igreja que nunca embarcam realmente no comboio.

Durante os anos 50, a minha família vivia em Chicago, enquanto o meu pai servia como presidente da Associação da Região dos Grandes Lagos. Uma manhã, muito cedo, acordei e ele estava a preparar-se para uma viagem.

“Papá, onde vais?”, perguntei.

“Vou a uma reunião na Califórnia!”, disse ele.

“Também posso ir?”, perguntei impulsivamente.

“Podes!”, respondeu.

Em poucos minutos, literalmente, saímos para a estação para apanhar o *Santa Fe Chief*. O *Santa Fe Chief* era o supremo, naqueles dias em que os comboios eram o meio de transporte favorito. Embarcámos no comboio! Estávamos a caminho de Los Angeles!

Há muita gente que vai à estação de caminho de ferro, mas que nunca embarca nos comboios. Não são passageiros, são observadores de comboios. Vibram só de ver a experiência. Entusiasmam-se ao ouvir o apito; ou a verem as pessoas a

impureza; e todas as formas de mal. *É um comboio santo, com uma missão santa, e com um destino santo.*

Só os puros de coração verão a Deus!

Este Comboio Chamado Igreja

No passado, um comboio típico era formado por vários vagões, uma locomotiva e um último vagão para pessoal da companhia.

A locomotiva fornece a força para puxar os vagões, e o último vagão completa o conjunto. Esse vagão leva o homem que avisa os outros comboios com a bandeira no caso de haver problemas.

Entre a locomotiva e esse vagão estão as carruagens de passageiros, presas umas às outras por um processo chamado junção, ou ligação. Para que todos cheguem ao seu destino, os vagões têm de estar ligados. E o mesmo se passa na Igreja.

Uma verdadeira Igreja é composta por pessoas “ligadas” umas às outras por amor cristão. Não podemos crescer em graça e irmos em frente com poder a não ser que estejamos “unidos” uns aos outros em amor. A Igreja é social por definição; Cristo “ligou-nos” uns aos outros. Ele disse em Mateus 18:20 que “onde estiverem dois ou três reunidos” em Seu nome, Ele estará “no meio deles”. E o livro de Hebreus adverte-nos para não deixarmos “a nossa congregação”, especialmente “tanto mais, quanto vedes que se vai aproximando aquele dia” [do Advento] (Heb. 10:25).

Para que o “Comboio da Manhã” ande eficazmente por este mundo adverso, temos de estar “ligados” uns aos outros. Não é “o comboio rápido”. Não é “o

comboio ultra-conservador”. Não é “o comboio liberal”. Não é “o comboio da alta sociedade”. Não é “o comboio festivo”. É “o comboio de todos”, o comboio para todos aqueles que nasceram do Espírito de Deus.

Este é o “Comboio da Manhã”, e tem como destino a glória. Graças a Deus pela sagacidade e consciência espiritual dos escravos do passado. Com sabedoria, advertiram-nos para que não esperássemos pelo comboio da noite. “O comboio da noite pode ser demasiado tarde!”

“Prepara-te, Igreja,” advertiram-nos no cântico, e “vamos para casa!” Porque “pela manhã vereis a glória do Senhor”. ■

Alvin M. Kibble

Vice-presidente da Divisão Norte-Americana da Conferência Geral dos ASD

TRAZ-NOS UMA PODEROSA MENSAGEM.

embarcar e desembarcar; ou apenas ficam a ver o comboio que desaparece na distância, envolto em nuvens de fumo.

Bem, não há nada de errado em observar os comboios, mas não é o que mais importa à companhia de caminho de ferro. Um comboio precisa de passageiros. E é disso que a Igreja precisa – passageiros, não apenas observadores. Um observador nunca passa da estação, e tem a tendência de confundir a estação com o comboio.

O edifício físico em que adoramos é apenas a estação. A verdadeira Igreja é semelhante a um comboio. O edifício da igreja não vai a lado nenhum, mas a verdadeira Igreja *vai* a algum lado. A estação serve o comboio. É para a conveniência e conforto dos passageiros. Compra-se a passagem na estação. Mas é o comboio que nos leva ao nosso destino. Temos de passar de simples observadores a “passageiros”. Temos de embarcar!

Ora, este “Comboio da Manhã” é um comboio de passageiros, não um comboio de mercadorias. Isso significa que há restrições de bagagem – os passageiros têm de levar bagagem limitada. É um comboio de passageiros e temos de deixar muitas coisas para trás. O excesso de bagagem faz o comboio andar mais devagar. Este “Comboio da Manhã” tem como destino a glória, e há coisas que não têm lugar a bordo. A licenciosidade, por exemplo; a hipocrisia; a maledicência; a inveja; o ciúme; a

Referências

* Bíblia de Estudo de Genebra

1. William Shakespeare, *Hamlet*, Acto V, cena ii, linhas 142, 143.

2. Ver Harvey Cox, *The Future of Faith* (Nova Iorque, N.Y., HarperOne, 2009), p. 35.

3. Ellen White, *Actos dos Apóstolos* (Publicadora SerVir, 1ª ed., Maio 2008, Sabugo), p. 37.

“LAR Adventista, UMA OUTRA IDEIA DA IDADE”

Ser idoso não implica inatividade.

A velhice abre um sem número de perspectivas novas, nomeadamente ao nível cultural, dos tempos livres e da formação.

As actividades assumem uma grande importância ao nível individual, bem como no estabelecimento das relações em prol de uma eficaz integração social.

A saúde do corpo passa pela saúde da mente e nada melhor que a actividade física, cultural, social e recreativa contínua, para que o ser humano continue a acreditar que é válido para a sociedade e assim ultrapasse os seus problemas.

Tendo estas ideias bem presentes no nosso trabalho, e com a graça de Deus, o mês de Abril foi repleto de actividades.

Diariamente, os nossos utentes têm actividades onde podem participar. Por não ser possível referir todas elas, gostaríamos de realçar duas, que acreditamos terem proporcionado momentos de verdadeiro bem-estar e alegria.

Dia 6 de Abril, visitámos a Vala Real e o Museu do Rio.

Durante séculos, a Vala foi a principal via de comunicação de Salvaterra de Magos. No seu pequeno cais, aportavam os bergantins reais, que partiam do Terreiro do Paço, com a família real. Os idosos apreciaram conhecer todos os detalhes da história que envolve este lugar, e fizeram muitas perguntas sobre o seu funcionamento nos dias de hoje.

No Museu do Rio, os idosos expressaram a sua alegria ao recordarem utensílios usados pelos seus antepassados e por si próprios, quando ainda crianças, nas actividades relacionadas com a pesca e a lavagem de roupa no rio.

Nos **dias 13 e 20** fomos visitar a Falcoaria Real.

Ali tivemos um encontro não só com a história da Falcoaria de Salvaterra de Magos, lembrando que esta tinha um grande valor para a Corte Portuguesa pelas Caçadas Reais que organizava, mas também com a Natureza.

São várias as aves de rapina que encontrámos e foram-nos explicadas as suas características e capacidades.

Para os idosos mais dependentes foi um momento muito especial, porque não sentiram qualquer tipo de obstáculo relativo à sua mobilidade, o que os fez “esquecer” todas as dificuldades e puderam partilhar do conhecimento e da experiência prática relacionados com as aves. O que eles gostaram mais foi de ver as aves em voo e a serem alimentadas.



Acreditamos que a educação para o lazer entre os idosos tem por objectivo facilitar o desenvolvimento de um estilo de vida que aumenta a sua qualidade de vida. Se pretender colaborar connosco nesta bonita tarefa, venha visitar-nos e traga um sorriso para todos os que aqui residem e trabalham.

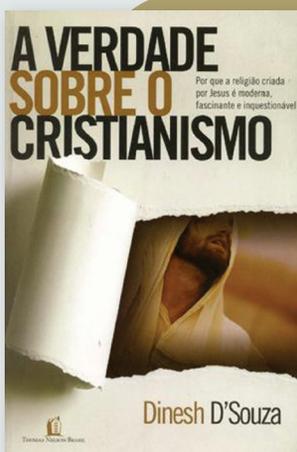
Esta é uma instituição do nosso Deus e Ele quer certamente que seja uma bênção para todos os Seus filhos.

Com amizade,
Sandra Machado

MIGUEL MATEUS

A Verdade Sobre o Cristianismo V

— A Ciência dos Milagres



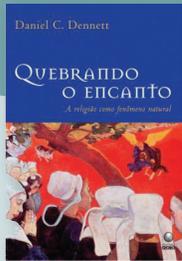
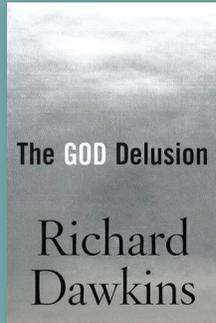
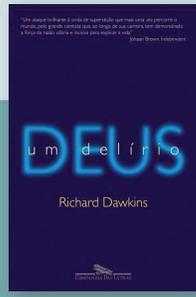
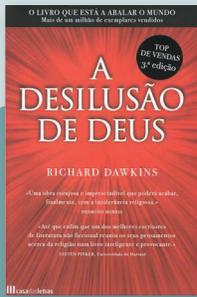
Nesta série de artigos, pretendemos demonstrar porque acreditamos que “a religião criada por Jesus é moderna, fascinante e inquestionável”.¹

Desenvolveremos sete temas – um em cada artigo.

Introdução – Os Novos Ataques dos Antigos Ateus

- 1** – O Cristianismo é o principal fundamento da civilização ocidental.
- 2** – As descobertas mais recentes da Ciência sustentam a existência de um Ser Divino que criou o Universo.
- 3** – A Teoria da Evolução de Darwin não destrói as evidências de “design” do Universo, pelo contrário, reforça essas evidências (artigo deste mês).
- 4** – **Não existe nada na Ciência que torne os milagres impossíveis.**
- 5** – É aceitável ter fé.
- 6** – O ateísmo e não a religião, é responsável pelos genocídios da História.
- 7** – O ateísmo não é motivado nem baseado na razão.

Este mês abordamos o quarto tema.



Os ataques recentes ao Cristianismo estão a ter grande impacto na sociedade. As ideias não são novas, mas a violência e radicalidade das propostas e o eco que estão a ter na sociedade são um elemento novo e necessitam de uma resposta.

Estes são os autores mais salientes:

- Richard Dawkins**
- Cristopher Hitchens**
- Sam Harris**

Poderíamos ainda citar vários outros, como Steven Pinker, E. O. Wilson, Daniel Dennett, Carl Sagan, ou até mesmo mais antigos, como Bertrand Russel, que, não sendo tão agressivos, fornecem bases intelectuais para o ataque.

Introdução

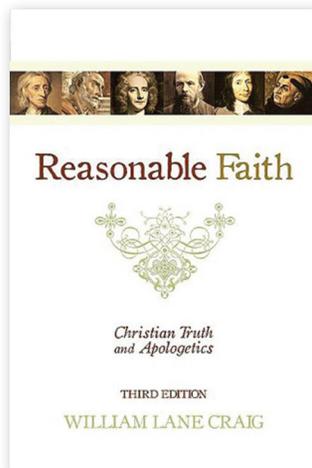
Neste quarto artigo da série “A Verdade Sobre o Cristianismo”,² vamos tratar do tema dos milagres.

Continuaremos a utilizar como guia o livro de Dinesh D’Souza, *A Verdade Sobre o Cristianismo – Porque a Religião Criada por Jesus é Moderna, Fascinante e Inquestionável*, que representa uma defesa moderna do Cristianismo.

Vamos também utilizar como base o livro *Fé Razoável*,³ escrito por William Lane Craig, que fornece uma base lógica muito sólida para aquilo em que acreditamos.

O tema dos milagres tem sido pedra de tropeço para muitas pessoas interessadas no cristianismo e mesmo para muitos cristãos.

Alguns pensam: “Como podemos, em pleno século XXI, acreditar em coisas tão primitivas como milagres?” Parece algo pré-científico, simplório, resultante de uma visão supersticiosa do mundo, mais própria da idade média do que dos tempos actuais.



Esta atitude vem de uma longa tradição já presente em David Hume, que procurou demonstrar filosoficamente a impossibilidade dos milagres.

Depois foi-se desenvolvendo, sendo um caminho que culminou na suposta *desmitificação* da Bíblia, com grande prejuízo para a causa de Cristo. Os autores nesta linha chegaram a propor um Cristianismo sem Cristo e até mesmo um Cristianismo ateu. Custa a acreditar!⁴



Neste artigo, vamos analisar como encarar o tema dos milagres e vamos descobrir que, com o entendimento correcto e estudo da Palavra de Deus, o tema dos milagres, ao contrário de ser um problema, é uma área que reforça a nossa fé.

Cristianismo – Uma Religião Baseada em Milagres

Apesar das tentativas de desmitificação da Bíblia e da nossa religião, a verdade é que o Cristianismo é uma religião de milagres, começando pelo maior milagre de todos – a encarnação de Deus, consumada em Jesus Cristo – passando

pelo milagre da própria criação do mundo e pelos 35 milagres de Jesus, documentados nos Evangelhos, bem como por todos os milagres relatados na Bíblia, antes e depois do tempo de Jesus.

É difícil escapar a esta realidade numa leitura honesta e respeitosa do texto bíblico. Paulo afirma que, sem o milagre da ressurreição de Cristo, “é vã a nossa pregação, e também é vã a vossa fé” (I Coríntios 15:14).

“As outras religiões, como o Judaísmo, podem relatar ou aceitar milagres, mas somente o Cristianismo se baseia neles.”⁵

O Espírito de Profecia também realça a importância dos milagres, afirmando que “cada milagre que Cristo realizou foi um sinal da Sua divindade”.⁶

Como entender, então, esta contradição e resolver o paradoxo que é colocado frequentemente nestes termos: “O Cristianismo depende da veracidade de milagres, mas isso parece estar em contradição com uma visão moderna e séria do mundo”?

Acredito que parte da reacção negativa de muitas pessoas aos milagres, na nossa sociedade actual, se deve a dois factos:

1. Uma definição errada do que é um milagre.
2. O descrédito gerado pela pretensão de realização de inúmeros milagres, de forma sensacionalista, por algumas religiões.

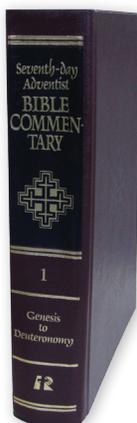
1. O que é um milagre?

Uma definição antiga de milagre, supostamente derivada de Tomás de Aquino, e retomada por David Hume, afirma que um milagre é algo “*Superior, diferente ou contrário à Natureza* (contra a ordem estabelecida da Natureza)”.

Esta definição ainda é aceite por muitas pessoas, e está subtilmente presente na maioria das definições que se encontram num dicionário moderno. Aqui temos um exemplo: “*Milagre: facto inexplicável pelas leis da Natureza, atribuído a causa sobrenatural; intervenção sobrenatural; efeito cuja causa escapa à razão do homem.*”⁷

Será que isto corresponde à definição de milagre, baseada na Bíblia? Em alguns aspectos sim, mas falha num pormenor fundamental.

O Comentário Bíblico Adventista define um milagre da seguinte forma: “*Uma intervenção sobrenatural nos assuntos humanos que não pode ser explicada com base nas Leis conhecidas.*”⁸



A palavra “*conhecidas*” faz toda a diferença. Penso que nos pode levar a um caminho de entendimento dos milagres com uma mentalidade moderna e científica. Retomaremos este tema mais no final do artigo.

2. “Abusando” dos milagres?

Enquanto nos Evangelhos, em pouco mais de três anos de ministério do Messias, apenas foram registados cerca de trinta e cinco milagres, hoje não é difícil encontrar pessoas que alegam ter feito dezenas de milagres em poucos anos, ou igrejas que alegam a realização de dezenas ou até centenas de milagres numa simples tarde.

Existe uma igreja, bem conhecida, cujo slogan, que podemos encontrar no seu sítio da Internet, é: “*Onde o milagre é uma coisa natural.*”

A mesma denominação possui, em língua portuguesa, um sítio na Internet dedicado exclusivamente a milagres. Este sítio está organizado por temas: milagres de libertação, milagres na vida financeira, milagres na vida sentimental, milagres na família, libertação de vícios. Nele encontramos testemunhos gravados em vídeo de alegados milagres experimentados por mais de 100 pessoas.

Temos notícias, vindas de outras instituições mais antigas, relativas a uma intensificação recente do interesse nos milagres e a um aumento na quantidade alegada dos mesmos.

Numa notícia recente, somos informados que “*Bento XVI aumenta ritmo de criação de novos santos e beatos*”, que, em quase três anos de pontificado, “*o papa Bento XVI fez 563 beatos e 14 santos, totalizando 577 – um terço dos 1828 nomeados por João Paulo II nos seus 27 anos no comando da Igreja Católica*”.⁹

Ora, para a criação de novos santos e beatos, as regras dessa igreja exigem a comprovação de milagres.



E poderíamos ainda falar de outros movimentos, como, por exemplo, os ligados ao espiritismo, acerca dos quais acredito que a Bíblia e os escritos inspirados de Ellen White nos advertem.

“*Imitando o cristianismo nominal da época, o espiritismo tem maior poder para enganar. O próprio Satanás [...] aparecerá como anjo de luz. Através do espiritismo, milagres serão operados, doentes serão curados, e se efectuarão muitas e inegáveis maravilhas.*”¹⁰

“Porque surgirão falsos cristos e falsos profetas, e farão tão grandes sinais e prodígios que, se possível fora, enganariam até os escolhidos” (Mateus 24:24).

Os falsos milagres serão mais um dos instrumentos de Satanás, utilizado com especial intensidade no tempo do fim. Não devemos estranhar este estado de coisas.

Os Milagres Verdadeiros

Que contraste, o dos exemplos anteriores com a actuação do nosso Mestre e da igreja primitiva. Quando olhamos para a forma como Jesus fazia milagres, encontramos algo bem diferente dos fazedores modernos de milagres:¹¹

- Jesus nunca utilizou o poder divino (realização de milagres) para benefício próprio ou apenas para satisfazer a curiosidade dos demais;¹²
- Cada milagre parece direccionado para uma necessidade específica, concreta, de alguém no momento do milagre, ilustrando uma verdade ou conceito espiritual;¹³
- Cada milagre tinha o propósito de inspirar a fé em Jesus como o Filho de Deus;¹⁴
- Jesus requeria dos recipientes do milagre uma certa dose de fé,¹⁵ muitas vezes a sua cooperação activa, a sua vontade de colocar a vida em harmonia com os princípios do Reino dos Céus e a aceitação da obrigação de falar aos outros sobre o amor e o poder de Deus.

Os escritos inspirados também realçam este aspecto:

“Cristo nunca operou um milagre, senão para satisfazer uma necessidade real, e todo o milagre era de molde a dirigir o povo à árvore da vida, cujas folhas são para cura das nações.”¹⁶

Milagre ou Ilusão?

Os meus filhos ficam muito impressionados com os feitos dos ilusionistas. Ao ponto de quererem aprender como fazer os truques.

Exigiu algum esforço da parte dos pais para convencê-los de que realmente se trata apenas de ilusionismo. Alguns dos truques são de tal forma convincentes que apenas uma explicação sobrenatural parece possível.

Tudo mudou, quando tiveram acesso a uma sessão em que um ilusionista explicava alguns dos seus truques. Os seus olhos abriram-se e hoje olham de forma muito mais céptica para o mundo à sua volta.

O ilusionismo parece-me uma excelente metáfora para abordar o tema dos milagres. Demonstra, de forma magistral e surpreendente, as limitações dos nossos sentidos e da nossa capacidade de apreender a realidade.



No final, tudo está relacionado com a nossa interpretação do que estamos a observar. O que pode parecer magia, não passa de ilusionismo.

Será possível que o que nós chamamos “milagre” seja apenas a operação de princípios científicos mais avançados do que os que conhecemos ou mesmo do que os que podemos entender?

Na minha opinião, esta interpretação do que realmente são os milagres é consistente com a Bíblia e contribui para aumentar o meu grau de admiração e respeito por Deus, ao vislumbrar um pequeno fragmento das maravilhas que o grande Deus do Universo ainda tem para nos revelar.

“Porque agora vemos por espelho, em enigma, mas então veremos face a face; agora conheço em parte, mas então conhecerei como também sou conhecido” (I Coríntios 13:12).

Milagre para uns, Ciência para outros – uma perspectiva moderna e científica sobre os milagres

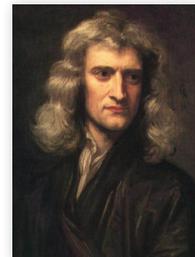


Arthur C. Clarke foi o fundador da ficção científica e também o pai de muitas ideias científicas avançadas. Foi, por exemplo, o primeiro a propor o lançamento de satélites de comunicação. Fê-lo em 1945, mais de 10 anos antes do lançamento do primeiro satélite.¹⁷ Clarke afirmava que “qualquer tecnologia suficientemente avançada é indistinguível da magia”.¹⁸

Com o advento da Mecânica Newtoniana – a era de ouro da Ciência Mecânica – pensava-se que Deus estava, de certa forma, de “mãos atadas” por leis científicas rígidas e deterministas.

As descobertas da mecânica quântica vieram alterar radicalmente esta forma de olhar o mundo.

Não só o mundo passava a ter elementos aleatórios no comportamento das partículas, como, “devido à indeterminação quântica, existe sempre pelo menos alguma proba-



bilidade de qualquer evento ocorrer, por mais bizarro que possa parecer”.¹⁹

Claro que este indeterminismo quântico, por si só, não é suficiente para resolver o problema dos milagres, mas fornece-nos vislumbres do que poderá ser a verdadeira Ciência que está para além do nosso conhecimento, e possivelmente das nossas capacidades, e que Deus utiliza para fazer o que nós, na nossa ignorância, quais crianças deslumbradas por um ilusionista, chamamos milagres.

Conclusão – O Maior Milagre de Todos

Em vez de pedra de tropeço, os milagres são uma demonstração da sabedoria, poder e amor do nosso Criador pelos seres criados.

Que Deus nos dê a inteligência para apreciar a Sua obra, quer a que podemos entender hoje, quer a que só iremos entender no Céu, durante a eternidade. Que escutemos a Sua Palavra, procurando entender o que nos quer comunicar:

“As coisas encobertas pertencem ao SENHOR nosso Deus, porém as reveladas nos pertencem a nós e a nossos filhos para sempre, para que cumpramos todas as palavras desta lei” (Deuteronomio 29:29).

Portanto, quando tivermos dúvidas, ou quando alguém questionar a nossa fé, alegando a crença primitiva em milagres como a razão do seu desconforto, podemos desafiar-nos e desafiar o nosso interlocutor a imaginar como o Universo pode ser um lugar bem mais interessante do que nós temos imaginado!

Podemos afirmar que nada na Ciência ou na Filosofia impede a existência do que nós chamamos milagre e a que, possivelmente, um dia vamos admirar e chamar Ciência e revelação do Criador.

Se Deus criou o Universo a partir do nada por amor ao ser humano; se Deus desceu à Terra, morreu por nós e ressuscitou no maior milagre já registado para que nós possamos ter a salvação e “fiquemos reconciliados com Deus”,²⁰ que milagre será impossível para o nosso Deus? ■

Miguel Mateus

Engenheiro em Electrotecnia
– Telecomunicações e Electrónica
Mestre em Investigação Operacional
Grau de MBA – Master in Business
and Administration

Referências

1. Subtítulo do livro *A Verdade Sobre o Cristianismo*, em que se baseia esta série de artigos, por Dinesh D’Souza, sem edição portuguesa e com edição brasileira de “Thomas Nelson Brasil”.
2. Baseado no Livro *What’s So Great About Christianity*, também disponível em edição brasileira “*A Verdade Sobre o Cristianismo – Porque a Religião Criada por Jesus é Moderna, Fascinante e Inquestionável*”, por Dinesh D’Souza.
3. William Lane Craig, *Reasonable Faith – Christian Truth and Apologetics*, (Fé Razoável – Verdade Cristã e Apologética).
4. *Idem*, p. 248.
5. *What’s So Great About Christianity*, p. 207.

6. Ellen White, *O Desejado de Todas as Nações*, p. 406.
7. *Dicionário da Língua Portuguesa*, 7ª Edição, Porto Editora.
8. *Comentário Bíblico Adventista* – SDABC, vol. 8, p. 745.
9. *Folha de São Paulo*, 18 de Fevereiro de 2008, reportando dados comunicados por José Saraiva Martins, prefeito da Congregação para a Causa dos Santos.
10. Ellen White, *O Grande Conflito*, cap. 36, p. 256.
11. Baseado no *Comentário Bíblico Adventista* – SDABC, vol. 8, p. 745.
12. Mateus 16:4 e Lucas 23:8 e 9.
13. Marcos 2:9-11; João 6:11-12 e 27; João 9:5-7 e 11:23-27.
14. João 11:27, 45 e 15:24.
15. Mateus 17:20 e Mateus 13:58.
16. *O Desejado de Todas as Nações*, cap. 39, p. 255.
17. O primeiro satélite foi o Sputnik lançado pela União Soviética em 1957. Em reconhecimento pelas suas contribuições, a órbita geoestacionária situada 36 000 km acima do equador foi oficialmente designada pela “International Astronomical Union” como uma órbita de Clarke. Ver a este respeito: <http://www.clarkefoundation.org/acc/biography.php>.
18. Trata-se de um dos “princípios da previsão” enunciados no seu livro *Profiles of the Future*, publicado em 1962. Os outros dois princípios são: “Quando um cientista ilustre, porém idoso, afirma que algo é possível, ele está provavelmente certo. Quando afirma que algo é impossível, está quase certamente errado” e, com algum humor: “A única forma de descobrir os limites do que é possível é aventurar-nos um pouco para além desses limites no terreno do impossível.”
19. *Reasonable Faith*, p. 260.
20. Colossenses 1:21.



O Poder DA IMPRENSA

na profecia.

no presente e

No passado,

BILL KRICK

“Michael Jackson regressou dos mortos!” gritava o tablóide.

Tolas revistas “cor-de-rosa”, pensei. *Porque será que elas vendem?*

Porque, respondi a mim próprio, as pessoas as lêem.

Há mais de 500 anos que as editoras produzem todo o tipo de literatura. Os habitantes deste mundo têm usado as armas da propaganda impressa para lutar em batalhas psicológicas e ideológicas: todos os ismos, filosofias de educação, valores de saúde, debates económicos. Evidentemente, as pessoas lêem as coisas e são influenciadas. Por outras palavras, “a imprensa é um poder”.¹

Na viragem do milénio, o canal por cabo A&E pediu a 360 jornalistas e especialistas para votarem nas 100 pessoas mais influentes do segundo milénio. Quem é que escolheram? Um homem sobre quem se sabe relativamente pouco – Johannes Gutenberg, nascido na Alemanha por volta de 1400.² O que é que fez que estivesse acima de Isaac Newton, William Shakespeare, ou Charles Darwin? A impressão.

Os primeiros livros saíram da impressora de Gutenberg por volta de 1450, na altura ideal para que fosse preparado o assalto de Lutero sobre a ignorância espiritual no início de 1500. Roma não conseguiu ter sucesso na contenda com a distribuição massiva de literatura que expunha os mitos e que chegou às mãos do povo comum – especialmente da

Bíblia. Há algum tempo, visitei pessoalmente a Alemanha e tive o privilégio de entrar no quarto do Castelo de Wartburg onde Martinho Lutero traduziu o Novo Testamento para alemão. Ao contrário do que acontece quando passo pelos tablóides, os meus olhos ficaram marejados. Imaginei o que seria viver sem a Bíblia!

Logo que surgiram os livros, apareceram aqueles que os queriam vender. Diz-se que Johann Fust, o financiador de Gutenberg, envolveu-se pessoalmente na tarefa de arranjar 180 compradores para as primeiras 180 Bíblias impressas de todos os tempos.³ Parece que foram vendidas imediatamente.⁴

Os pioneiros da Igreja Adventista do Sétimo Dia sabiam que “a imprensa é um poder” e que “se há um trabalho mais importante do que outro, é o de levar as nossas publicações ao público, levando-o, assim, a estudar as Escrituras”.⁵ Eles tomaram consciência do que a imprensa tinha feito pela Reforma, e sabiam que “muitas mentes não podem ser atingidas de outra forma”.⁶

Colportagem

Os líderes Adventistas calcularam que, para espalhar rapidamente as mensagens dos três anjos, a Igreja, que começava a ganhar asas, não podia, de forma alguma, esperar até ter meios financeiros para comissionar missionários a



tempo inteiro, quer nos Estados Unidos, quer no estrangeiro. O que poderia ser feito?

Teoricamente, qualquer produto ou serviço de elevada procura só cresce de uma maneira: as pessoas que são beneficiadas, pagam-no. Esta teoria foi posta em prática na história Adventista. Colportores evangelistas auto-financiados entraram num país após outro, e numa região após outra, sem patrocínios. Aqueles que eram contactados por eles pagavam para serem contactados (ao comprarem livros), dando aos obreiros um meio de subsistência naquele trabalho pioneiro.

“Ao chegar a 1886”, diz o historiador da Igreja Brian Strayer, “quando a força ministerial da Igreja ainda se contava por dúzias, 400 colportores adventistas, no mundo inteiro, vendiam livros e folhetos baratos de porta-a-porta”.⁷ As vendas mundiais chegaram quase a 4 milhões de dólares durante a década de 1885 a 1894.⁸

Distribuição Gratuita

Compreendendo que Deus não tinha chamado todos os membros para venderem livros de porta-a-porta, muitos Adventistas do Sétimo Dia começaram a formar pequenos grupos evangelísticos, usando literatura gratuita. “*Que cada crente*”, escreveu Ellen White, “espalhe amplamente folhetos, prospectos e livros que contenham a mensagem para este

tempo”.⁹ Sociedades Missionárias e de Tratados surgiram por todos os Estados Unidos, estimulados pela influência de Stephen Haskell. Os membros – no início, principalmente mulheres profundamente dedicadas – enviavam pelo correio ou entregavam em mão milhões de obras literárias. “O líder Adventista John Loughborough atribuiu às Sociedades Missionárias e de Tratados o mérito de ‘criarem e aumentarem o espírito missionário... de trabalho directo pela salvação das almas’ no coração dos membros de Igreja. Os resultados também foram inspiradores: de acordo com John Loughborough, a partir de 1871, tantas pessoas eram ganhas através dos ministérios de publicações e da literatura, como pela pregação de evangelistas”.¹⁰ Até Ellen White partilhava literatura como parte da evangelização.¹¹

Noutros países, a distribuição de literatura ajudou no estabelecimento da mensagem em lugares onde ainda não tinha ido qualquer obreiro humano. Os Adventistas do Sétimo Dia encontraram uma testa de ponte na Guiana, então colónia britânica, quando um membro de Igreja persuadiu o comandante de um barco a levar um pacote de folhetos; evidentemente que, quando lá chegou, na pressa de se despachar, o capitão atirou o pacote para o cais. Alguém apanhou o pacote, levou-o para casa, e partilhou os folhetos com os amigos, e a mensagem dos três anjos foi lançada com vigor!¹²

Os Jovens, a Colportagem, e o Evangelismo Pessoal

Logo a seguir ao virar do século, Stephen Haskell e a sua mulher começaram a trabalhar na cidade de Nova Iorque. Atraíram um bom grupo de jovens que começaram a treinar e a ensinar. O seu plano combinava “o trabalho de venda de livros com a acção pessoal junto da população”,¹³ tal como Ellen White tinha aconselhado. Como “o trabalho de colportagem... é a melhor preparação para outras áreas de trabalho missionário”,¹⁴ o seu programa prosperou.

Vários anos mais tarde, os Haskells puseram o mesmo plano em prática em Nashville, no Tennessee. Ellen White comentou: “O irmão e a irmã Haskell alugaram uma casa numa das melhores zonas da cidade, e chamaram para perto de si uma família de auxiliares, que, dia após dia, saem para dar estudos bíblicos, vender as nossas revistas e fazer trabalho médico-missionário. ... Os jovens, rapazes e raparigas, ligados à missão, recebem uma preparação prática e completa para darem estudos bíblicos e venderem as nossas publicações. O Senhor tem abençoado o seu trabalho, muitos abraçaram a verdade, e muitos outros estão profundamente interessados.”¹⁵

Um ano mais tarde passaram a Oakland, na Califórnia, com o mesmo plano: aulas, seguidas de implementação prática. “Essas visitas missionárias, e a venda de muitos livros e revistas, abriram o caminho para dar estudos bíblicos. Cerca de quarenta homens e mulheres assistiam às aulas de manhã, e um bom número desses alunos envolvia-se no trabalho à tarde.”¹⁶

No início da história Adventista do Sétimo Dia, a colportagem, a distribuição gratuita, o evangelismo pessoal, e os jovens de boa vontade, todos trabalharam juntos para criar uma força poderosa.

As Pessoas Ainda Compram Livros, ou Mesmo, Ainda Lêem Muito?

E o que acontece hoje? Será que a Igreja Adventista do Sétimo Dia ainda tem a funcionar um programa vital de evangelismo pela literatura, como tinha no seu início? Na sociedade tecnologicamente avançada de hoje, as pessoas ainda lêem? Em 1902, Ellen White escreveu que, “é em grande parte por meio das nossas casas editoras que se há-de efectuar a obra daquele outro anjo que desce do Céu com grande poder e que ilumina a Terra com a sua glória”.¹⁷ Poderá Deus usar, ainda, a literatura para cumprir o seu papel



nos movimentos finais da história deste mundo?

“Surpresa – a sabedoria convencional está errada”, escreve o colunista da revista *Forbes*. “As pessoas estão a ler mais, não menos. A Internet está a alimentar a literacia. ... As pessoas ainda queimam livros. Mas isso apenas significa que os livros ainda são perigosos o suficiente para serem destruídos. E se as pessoas os querem destruir, eles são valiosos o suficiente para se manterem.”¹⁸ Durante os últimos oito anos, os lucros

com a venda de livros têm subido todos os anos – incluindo um aumento percentual de 4,1 para os primeiros 10 meses de 2009, um ano economicamente desafiador¹⁹ – e está estimado que chegue a quase 43,5 mil milhões de dólares no fim do ano 2012.²⁰

Mas, será que as pessoas ainda lêem material com conteúdo religioso? A nossa cultura cada vez mais secular não pôs, já, de lado a literatura de natureza religiosa? De acordo com o *Book Industry Study Group* (Grupo de Estudo da Indústria Livreira), os títulos religiosos têm-se vendido a um ritmo maior do que a média geral de crescimento da indústria.²¹ Durante os últimos anos, títulos como os da série *Deixados para Trás*, *A Oração de Jabez* e *Uma Vida com Propósito* obtiveram números de vendas espantosos, fazendo virar muitas cabeças no negócio das publicações. Quando Oprah Winfrey entrevistou Eckhart Tolle, cujo livro da Nova Era, *A New Earth*, chegou ao topo da sua lista de recomendações de livros espirituais, 500 000 pessoas ligaram-se, simultaneamente, à Internet para verem o *Webcast*, tendo como resultado um dos maiores eventos de Internet da história, e causando um grave problema de sobrecarga da rede.²² Evidentemente, as pessoas têm necessidades espirituais por preencher e voltam-se para a literatura religiosa/espiritual para tentar encontrar forma de fazer face a essas necessidades.

Enfrentando Desafios

O que está a nossa Igreja a fazer para enfrentar estes esmagadores desafios e necessidades? Em primeiro lugar, *colportagem*. Colportores evangelistas de carreira, tradicionais, a tempo inteiro, estão a tornar-se mais raros na América do Norte, especialmente comparados com a história passada, muito embora esteja a florescer noutras partes do mundo. Contudo, o número de colportores evangelistas estudantes explodiu nas duas últimas décadas. O ano passado, mais de 1700 estudantes fizeram-se à estrada.²³ Livros de bolso

atraentes e baratos circularam às centenas de milhar durante o Verão. Os títulos incluíram *Aos Pés de Cristo*, *O Grande Conflito*, e *Parábolas de Jesus*. Os estudantes vão rapidamente de porta em porta, cobrindo grandes porções de áreas metropolitanas da América do Norte, enquanto recebem donativos para a sua educação cristã.²⁴

Em segundo lugar, *distribuição gratuita*. Uma nova iniciativa chamada GLOW, Giving Light to Our World (BRILHE, Dando Luz ao Nosso Mundo),²⁵ ensina os membros a participar na distribuição de literatura como estilo de vida – seja ou não de porta-a-porta ou pessoa-a-pessoa. O GLOW tem crescido muito desde a sua implementação. Em apenas dois anos, 12 Conferências da Divisão Norte- -americana adotaram o plano, com mais de 6 milhões de obras impressas.

Em terceiro lugar, *jovens, colportagem, e evangelismo pessoal*. O número de evangelistas pessoais pagos (conhecidos como Instrutores Bíblicos ou Obreiros Bíblicos) na América do Norte tem crescido como cogumelos nos últimos 15 anos, e a maior parte são jovens adultos. A maior parte destes jovens passaram pelos programas de colportagem de Verão. SOULS West, uma escola de formação em dois anos gerida pela União do Pacífico, existe especificamente para treinar líderes colportores evangelistas e obreiros bíblicos ganhadores de almas.²⁶

Escatologia

E o que dizer do futuro? Ellen White viu que “em breve... mais de mil serão convertidos num só dia, a maioria dos quais reconhecerá ter sido primeiramente convencida através da leitura das nossas publicações”.²⁷ As primeiras convicções destas pessoas vieram da literatura. Isso deve referir-se a um trabalho que aconteceu algures no passado – mas com resultados adiados até quase ao fim dos tempos. É um argumento forte para a distribuição de literatura agora, antes que os eventos tenham lugar.

“Haverá prodígios, os doentes serão curados, e sinais e maravilhas seguirão os crentes. ... As publicações distribuídas pelos missionários têm exercido a sua influência. ... Um grande número coloca-se ao lado do Senhor.”²⁸

Na realidade, as pessoas ainda lêem e estão a ser influenciadas por aquilo que lêem; e essa tendência vai continuar. Algumas talvez leiam tablóides. Mas, enquanto ainda há tempo, porque não comprar folhetos na Sociedade Missionária da sua igreja e distribuí-los, ou deixá-los num lugar à vista? Estará a seguir uma longa linha de grandes homens e mulheres que conheciam o poder da imprensa. ■

Bill Krick

Referências

1. Ellen White, *Testemunhos para a Igreja*, vol. 4, p. 389.
2. www.economicexpert.com/la/E:s:Biography:of:the:Millennium.htm.
3. E.R. Palmer, *The Printing Press and the Gospel*, 2ª ed.. (Washington, D.C.: Review and Herald Publishing Assn., 1947) pp. 14-24.
4. Ver http://en.wikipedia.org/wiki/Gutenberg_Bible.
5. Ellen White, *Serviço Cristão*, p. 145.
6. Ellen White, *Evangelismo*, p. 160.
7. Bryan E. Strayer, “Called to Witness”, *Adventist Review*, online em www.adventistreview.org/2002-1504/story1.html.
8. M. Ellsworth Olsen, *A History of the Origin and Progress of Seventh-Day Adventists*, 2ª ed. (Takoma Park, Md: Review and Herald, 1926), p. 434. Note que estes números são em valores do dólar em 1890!
9. White, *Serviço Cristão*, p. 145 (itálicos acrescentados).
10. Strayer.
11. White, *Evangelismo*, pp. 448, 449, 451, 452.
12. R. W. Schwarz, *Light Bearers to the Remnant*, (Mountain View, California: Pacific Press, 1979), p. 226.
13. White, *Testemunhos para a Igreja*, vol. 6, p. 331.
14. *Id.*, p. 330
15. White, *Evangelismo*, p. 108.
16. *Id.*, p. 470.
17. White, *Testemunhos para a Igreja*, vol. 7, p. 140. Ver, também, Apoc. 18:1.
18. www.forbes.com/2006/11/30/books-publishing-internet-tech-media_cx_mm_mn_books06_1201book_land.html.
19. http://publishers.org/main/PressCenter/Archives/2009_December/BookPublishingSalesPostGainsinOctober.htm.
20. www.big.org/news-5-353-book-industry-trends-2008-shows-publishers-net-revenues-rose-44-percent-in-2007-to-reach-3726-billion-php.
21. *Ibid.*
22. http://skypejournal.com/blog/2008/03/skype_video_gets_exposure_opra.html.
23. publishing.gc.adventist.org/files/pdf/LEMIssue689.pdf.
24. Portugal é o país da Divisão Euro-africana com um corpo de colportores mais numeroso e forte: 55 colportores regulares e 35 colportores estudantes (N.d.R)
25. www.sdaglow.org.
26. www.soulswest.org.
27. White, *Evangelismo*, p. 693.
28. Ellen White, *O Grande Conflito*, ed. P. SerVir, p. 510.





Como a Alimentaremos?

BELINDA KENT

A revista *Newsweek* proclamou “O Declínio e a Queda da América Cristã” na capa da sua edição de 13 de Abril de 2009. No seu artigo para a *Newsweek*, Jon Meacham indica que, de acordo com a Pesquisa de Identificação Religiosa Americana, realizada em 2009, desde 1990 a percentagem de pessoas que se identificam como Cristãs passou de 86% para 76%. Nos últimos 19 anos, o número de pessoas que se identificam como agnósticas ou ateias aumentou de 1 milhão para cerca de 3,6 milhões. Ele acrescenta ainda que, de acordo com um inquérito levado a cabo pela *Newsweek*, a proporção de Americanos que consideram que a religião “pode responder a todos ou à maioria dos problemas actuais” reduziu-se a 48%, a mais baixa percentagem de todos os tempos.¹

O perito em sondagens de opinião George Barna adiciona novos dados a estas estatísticas ao verificar que as duas gerações mais novas dos anos 1965-1976 (*busters*) e 1977-1994 (*bridgers*) frequentam cada vez menos a Igreja. Estas gerações ultrapassam em número as dos anos anteriores a 1946 (*builders*) e as dos anos que decorreram entre 1946-1964 (*boomers*) juntas, e dois terços das gerações

mais novas fogem de toda e qualquer religião organizada. Thom Rainer realça que, da geração dos *bridgers*, apenas 4% compreendem o Evangelho e aceitaram Cristo.² E, segundo o artigo da *Newsweek*, “os tempos catastróficos que se vivem na economia não levaram a um aumento na frequência da Igreja”.³

No entanto, ao mesmo tempo que o Cristianismo está a declinar, uma nova espiritualidade parece estar a emergir. No inquérito da *Newsweek*, 30% dos Americanos consideram-se actualmente mais espirituais do que religiosos. Meacham, no artigo da *Newsweek*, afirma que a espiritualidade actual parece ser “menos acerca da morte de Deus e mais acerca do surgimento de muitos deuses”.⁴

O declínio da Igreja Cristã deixou um vazio espiritual que muitos grupos estão a querer preencher. A Igreja Mórmon quase triplicou o número dos seus membros entre 1965 e 2001, de acordo com o Anuário das Igrejas Americanas e Canadianas. Um relatório sobre o Projecto de Estudo das Mesquitas (*Mosque Study Project*) constata que “entre 1994 e 2000 o número de mesquitas aumentou 25% e o número de pessoas associadas a cada mesquita subiu 235%”. E, segundo a Pesquisa de Identificação Reli-

giosa Americana de 2001, entre 1990 e 2001, os Budistas revelaram um crescimento de 109,5% e os Hindus de 237,4%. O mais surpreendente de todos é o crescimento dos Wiccanos de 8000, em 1990, para 134 000, em 2001 – um crescimento de 1575% de pessoas que se proclamam a si mesmas bruxas.⁵

O que é que Fazemos?

Como é que nós, como Igreja, respondemos a estas estatísticas e a este desafio? Obviamente, o Cristianismo não está a prosperar na América do Norte – e o Evangelho está a ganhar pouco, ou nenhum, terreno. Thom Rainer diz: “A América está a tornar-se menos Cristã, menos evangelizada, e menos frequentadora da Igreja. No entanto, muitos nas nossas igrejas parecem esquecer-se desta realidade.”⁶

A paixão de Deus é para com os perdidos e o Seu propósito para nós é que nos juntemos a Ele neste empreendimento. Ele deseja que sintamos o mesmo amor e a mesma paixão que Ele tem por aqueles que estão ao nosso redor. Brandon Heath canta acerca desta necessidade de uma forma realmente incisiva em “Dá-me Os Teus Olhos” (Give Me Your Eyes). Nesta canção, Heath olha à sua volta e apercebe-se de que não tem estado a olhar para aqueles que anseiam por mais na vida, e pede a Deus que lhe dê os Seus olhos para que assim possa entender as necessidades que não viu nos outros. Heath implora ao Senhor que lhe conceda amor pela humanidade, suplicando “braços para os corações sofredores, os que estão muito além do meu alcance”, e um “coração para os que foram esquecidos”.⁷

Enquanto oramos para que Deus nos conceda os Seus olhos para vermos os outros, como é que então começamos a alcançar essas pessoas? Como é que embarcamos nesta viagem e nos juntamos a Deus na grande obra colocada diante de nós? Como é que alimentaremos estas pessoas esfomeadas?

A “Mesa” Diante de Nós

Ellen White diz que “sobre todos os que crêem, Deus colocou a responsabilidade de fundar igrejas”.⁸

O especialista em crescimento da Igreja, Peter Wagner, declarou que “a única metodologia evangelística mais eficaz debaixo do céu é edificar novas igrejas”.⁹ O analista de Igreja, Lyle Schaller, diz que “se estamos interessados em

alcançar novas pessoas, a forma mais eficaz de o fazer é, de longe, estabelecendo igrejas”.¹⁰

Existem muitos livros, artigos, *Websites*, e mesmo organizações, dedicados ao estabelecimento de igrejas. Há uma renovada ênfase no assunto em muitas denominações. Contudo, não podemos continuar a fundar igrejas que olham, agem e sentem como muitas das nossas igrejas actuais. As crescentes estatísticas relativas aos grupos e seitas não-Cristãos revelam uma elevada urgência em analisarmos e compreendermos por que razão o Cristianismo está a declinar com a forma actual como vivemos a Igreja.

Em vez de encontrarmos uma cultura à nossa volta antagónica à vida espiritual, encontramos uma cultura com fome de fazer a experiência de Deus, de saber quem Ele é, se Ele é real, e se Ele é relevante e significativo para a vida do dia-a-dia. Há uma busca pela espiritualidade autêntica, que promove os relacionamentos, e que é uma fé integral. Infelizmente, para muitos, o Cristianismo não

é uma opção que satisfaça estas necessidades.

O problema do Cristianismo Ocidental é que separámos o conhecimento de Deus da nossa experiência de Deus. Reduzimos Deus a uma ideia e vivemos a nossa vida como se Ele não existisse para nós pessoalmente. Vamos à igreja algumas, poucas horas por semana, e depois regressamos a casa, vivendo o resto da nossa vida sem fazermos a experiência da Sua presen-

ça – o que resulta num Cristianismo sem poder. Muitos Cristãos vivem com o conhecimento de Deus mas não têm qualquer experiência prática d'Ele no quotidiano. O que as seitas e religiões não-Cristãs, que estão a crescer, oferecem é todo um conjunto cultural e espiritual de coisas que abarca cada faceta da vida. Ao contrário do que acontece no Cristianismo Ocidental, a religião e a cultura não estão separadas, mas são plenamente integradas em todos os aspectos da vida.

Viver em Cristo e experimentar o Seu amor transformador deve tornar-se uma realidade diária para nós. Deve tornar-se a nossa *forma de ser*. Devemos envolver-nos na cultura que nos rodeia e mostrar, pela nossa vida, que o Cristianismo genuíno, autêntico, é, na verdade, um conjunto completo que pode responder melhor às necessidades sociais, espirituais, emocionais e físicas (tangíveis) das pessoas, do que a cultura prevalecente que as rodeia. Nós podemos bem vir a ser a “única Bíblia” que muitos elemen-

Em vez de encontrarmos uma cultura à nossa volta antagónica à vida espiritual, encontramos uma cultura com fome de fazer a experiência de Deus, de saber quem Ele é, se Ele é real, e se Ele é relevante e significativo para a vida do dia-a-dia.



tos desta geração presente irão ler e compreender. Para os alcançarmos *devemos* tornar-nos mais humanos – como Jesus – e integrar-nos na sua sociedade.

Intencionalmente Imersos

Quando o meu marido e eu fomos chamados para estabelecer igrejas na Papua Nova Guiné, isso significou que tivemos de aprender a língua e viver entre a tribo primitiva dos Iwam, a cerca de 500km de distância da cidade mais próxima. Nós, juntamente com os nossos três filhos pequenos, e mais tarde a nossa filha recém-nascida, vivemos numa casa com 38m² de área, aprendemos a manusear canoas feitas de troncos de árvores, e usámos escadas construídas com troncos para subir para as cabanas dos Iwan. Era ali que os visitávamos e que comíamos com eles. Foram oito anos que passámos entre eles a divertir-nos, a trabalhar, a chorar, a rir, a confraternizar e a adorar, ao mesmo tempo que empreendíamos um projecto de estabelecimento de igrejas.

É realmente vital para nós, enquanto Adventistas do Sétimo Dia, embrenharmo-nos na cultura das pessoas que nos rodeiam. Ellen White diz: “Se se empregasse menos tempo a pregar sermões, e mais fosse dedicado ao serviço pessoal, maiores

seriam os resultados que se veriam.

Os pobres devem ser socorridos, os doentes cuidados, confortados os aflitos e os que sofreram perdas, os ignorantes instruídos e os

inexperientes aconselhados. Cumpre-nos chorar com os que choram e alegrar-nos com os que se alegram. Aliada ao poder de persuasão, ao poder da oração e ao poder do amor de Deus, esta obra não há-de, não pode, ficar sem frutos.”¹¹

Como é que é ser-se um estabelecedor de igrejas intencional, com um forte relacionamento humano e com um espírito de missão? Para o meu marido e para mim, isso significa reservar, regular e consistentemente, tempo para estar a sós com Deus, permanecer na Sua presença, aprender a ouvir a Sua voz, ouvi-l'O e falar com Ele. Significa orarmos diariamente pelos nossos vizinhos, mencionando o seu nome, enquanto damos os nossos passeios matinais, ouvir e responder quando o Espírito Santo nos impressiona a oferecer-lhes um doce feito em casa ou um cartão de encorajamento. Significa estar com o nosso vizinho quando um ente querido morre, partilhando com ele a sua dor. Significa pararmos, conversarmos e orarmos com uma vizinha doente enquanto ela espera, no passeio, pelo auto-

*Jesus ordenou-nos
que proclamemos
as Suas boas-novas
ao mundo.*

Precisando de Alimento



Ellen White, uma das pioneiras da Igreja Adventista do Sétimo Dia (e que os Adventistas acreditam que recebeu e exerceu o dom de profecia), lembra os Cristãos de que é nosso dever cuidarmos dos que nos rodeiam, alimentá-los, ajudá-

-los a receber o alimento que vem de Cristo. São suas as seguintes palavras:

“Aqueles que amam Deus de todo o coração procuram oportunidades para provar ao mundo que são novos homens e novas mulheres em Cristo. Eles não vivem para satisfazer e glorificar o eu. O Senhor é a sua força, e Ele capacita-os para realizarem acções santas e beneficentes. O nosso fluxo de bondade deverá ser proporcional à magnanimidade de Cristo para conosco. Assim viveremos a verdadeira religião. Tanto os ricos como os pobres necessitam de aprender o que Cristo diz acerca deste assunto. Eles podem obter cultura e educação ao aprender sobre como dar... Prestar auxílio aos famintos, aos estrangeiros, aos nus, aos doentes, é a credencial que testificará que somos discípulos de Cristo...”

Quão profundamente Se relacionou Cristo com a humanidade sofredora! Tendo em consideração a Sua herança, Ele coloca-Se a Si mesmo do lado do homem pobre, e observa cada acto de negligência para com o pobre como sendo sido cometido para com Aquele a Quem o homem pertence por criação e por redenção; e cada acto de negação do próprio eu, realizado com o intuito de ajudar os que sofrem, é por Ele reconhecido como se para com Ele tivesse sido feito. 'Em verdade vos digo que, quando o fizestes a um destes Meus pequeninos irmãos, a Mim o fizestes' (Mateus 25:40).

O coração daqueles que revelam os atributos de Cristo ilumina-se com amor divino. Está imbuído de um espírito de gratidão... Cristo chama os Seus discípulos a erradicar da sua vida cada impureza de alma e de corpo. Requer-se de nós uma visão e um discernimento claros, para que possamos auxiliar aqueles que necessitam de ajuda.

Cristo é o nosso exemplo. Ele deu a Sua vida como um sacrifício por nós, e pede-nos que demos a nossa vida como um sacrifício pelos outros. Assim, devemos desarraigar o egoísmo que Satanás está constantemente a tentar semear no nosso coração. Este egoísmo é morte para toda e qualquer piedade, e só pode ser vencido através da nossa manifestação de amor para com Cristo e para com os nossos companheiros.”

“O Dever Cristão”, *The Advent Review and Sabbath Herald*, 11 de Julho, 1899

carro que a levará até ao local para onde se dirige. Significa aceitarmos graciosamente dois peixes acabados de pescar em troca das tortas de canela que deixámos à porta da casa dos nossos vizinhos. Significa partilhar uma refeição aos Domingos à noite com amigos que estão a enfrentar lutas, dificuldades e problemas. Significa abriremos as portas da nossa casa a jovens que lutam para encontrar e compreender Deus, passando tempo com eles e ouvindo-os. Significa reunirmo-nos semanalmente com amigos e conhecidos, comendo com eles, orando, adorando e partilhando as vicissitudes do dia-a-dia.

Jesus ordenou-nos que proclamemos as Suas boas-novas ao mundo. Que possamos, nós, a Sua Igreja, erguer-nos e obedecer-Lhe. Os nossos métodos devem alterar-se continuamente e moldar-se aos tempos – mas as imutáveis boas-novas do Seu reino devem continuar a ser pregadas a cada grupo cultural até estarmos todos reunidos à volta do trono de Deus com os redimidos de “todas as nações e tribos, e povos, e línguas”!¹² ■

Belinda Kent

Belinda Kent e o seu marido, John, serviram o Senhor na Papua Nova Guiné, como missionários e estabelecimentos de igrejas, durante oito anos.

Referências

1. “The End of Christian America”, in *Newsweek* (13 de Abril, 2009), p. 34, de Jon Meacham.
2. *Planting Growing Churches for the 21st Century* (Grand Rapids: Baker Books, 2004), p. 400, de Aubrey Malphurs.
3. Jon Meacham, *op. cit.* p. 36.
4. *Ibidem.*
5. Estatísticas retiradas de Malphurs, pp. 38, 39.
6. “Shattering Myths About The Unchurched”, *Southern Baptist Journal of Theology* 5, Nº 1 (Primavera de 2001), p. 47, de Thom S. Rainer, citado por Malphurs, p. 39.
7. “Dá-me os Teus Olhos”, de Jason David Ingram e Brandon Heath, copyright 2008 por Peertunes Ltd. e Windsor Way Music. Usado com permissão.
8. *Medicina e Salvação*, Ellen White, CPB, p. 315. Citado em Russel Burriel, *Rekindling a Lost Passion* (Fallbrook, Calif.: Hart Teseach Center, 1999), p. 81.
9. *Church Planting for a Greater Harvest* (Ventura, Calif.: Regal Books, 1990), p. 11, de C. Peter Wagner, citado em *Planting Missional Churches* (Nashville: Broadman&Holman Publishers, 2006), p. 33, de Ed Stetzer.
10. *Malphurs*, p. 40.
11. *Evangelismo*, Ellen White, CPB, p. 459.
12. Apocalipse 7:9

JESUS, O PROFESSOR MAGISTRAL

POR JOHN WESLEY TAYLOR V

Embora Jesus fosse sem qualquer dúvida um pregador eficiente e um curador bastante procurado, Ele era também um professor magistral. Ao longo dos Evangelhos, encontramos uma variedade de episódios em que Ele é visto a ensinar – experiências de aprendizagem criadas especificamente para os Seus doze discípulos, bem como para grupos de milhares de pessoas, ou para um único indivíduo apenas. O Seu “Sermão da Montanha”, por exemplo, foi, na realidade, uma aula no exterior no qual participaram tanto os discípulos como uma multidão de ouvintes.

A Forma como ELE Ensinou

Jesus Cristo foi “o melhor professor que o mundo alguma vez conheceu”. Nos Seus ensinamentos, Cristo usava uma variedade de estratégias e de métodos que fomentavam um nível de pensamento elevado e que ajudavam os Seus alunos a melhor compreender e pôr em prática os Seus ensinamentos.

Mateus, um dos discípulos de Cristo, observou que Jesus usava *ilustrações* frequentemente. Muitas delas incluíam imagens vívidas – colher uvas dos espinheiros, deitar vinho novo em odres velhos, os cegos a guiar os cegos, e um salteador a entrar inesperadamente por uma casa dentro. Jesus também usou o concreto e o familiar para ensinar

sobre o mais abstracto e talvez desconhecido. “Acautelai-vos, porém, dos falsos profetas”, disse Ele, “que vêm até vós vestidos como ovelhas, mas, inte-

riormente, são lobos devoradores” (Mateus 7:15). Numa ocasião, Jesus advertiu os Seus discípulos sobre o fermento dos Fariseus e dos Saduceus. Ao princípio, eles pensaram que Ele estava a falar em termos literais, mas depois perceberam que Ele “não dissera que se guardassem do fermento do pão, mas da doutrina dos Fariseus” (Mateus 16:12) e dos Saduceus.

Jesus também contou *histórias*, das quais foram registadas cerca de quarenta. O seu objectivo era tornar as Suas lições mais fáceis de recordar e também para se tornarem uma base para futuras aprendizagens. Estas histórias eram, geralmente, curtas. Em média, as histórias ocupam apenas sete versículos. A mais longa, a história do filho pródigo, tem somente vinte e dois versículos, enquanto quatro das histórias foram contadas num único versículo. As histórias de Jesus não eram complexas, com múltiplos significados. Por norma, Jesus centrava-Se num ponto-chave. Na história das dez virgens, por exemplo, Ele concluiu, dizendo: “Vigiai, pois, porque não sabeis o dia nem a hora em que o Filho do homem há-de vir” (Mateus 25:13). Mais ainda, as histórias pertenciam ao povo. Jesus não ensinava sobre terras distantes nem circunstâncias invulgares. Antes, Ele falava sobre os factos comuns do dia-a-dia, tais como perder

dinheiro, arranjar trabalho, fazer pão e casar. Finalmente, os conceitos que eram o âmago das Suas histórias não eram triviais, mas sim grandes verdades, tais como a humildade, a oração, o plano da salvação e a recompensa eterna.

Jesus usou *notícias correntes* como material de instrução. Quando alguns dos Seus ouvintes Lhe falaram acerca dos Galileus que Pilatos tinha morto no templo, Jesus respondeu: “Cuidais vós que esses Galileus foram mais pecadores do que todos os Galileus? E aqueles dezoito sobre os quais caiu a torre de Siloé e os matou, cuidais que foram mais culpados do que todos os outros habitantes de Jerusalém?” (Lucas 13:2, 4). Da mesma maneira, Jesus usou o que era, aparentemente, uma notícia acabada de sair no jornal quando falou sobre o homem que viajava de Jerusalém para Jericó e que foi atacado por salteadores.

Jesus também usou *eventos históricos* como uma base para ensinar. Num Sábado, quando Jesus e os Seus discípulos passavam por uma seara, alguns dos discípulos começaram a apanhar espigas. Os Fariseus abordaram Jesus: “Porque fazem no Sábado o que não é lícito?” (Marcos 2:24). Jesus respondeu: “Nunca lestes o que fez David, quando estava em necessidade e teve fome, ele e os que com ele estavam?” (Marcos 2:25). Da mesma forma, Jesus falou

aos Seus ouvintes sobre o encontro de Moisés com Deus junto à sarça ardente, assim como sobre o martírio do profeta Zacarias.

Jesus serviu-Se com frequência de alegorias e metáforas, ampliando-as ao nível de analogias bem desenvolvidas.

Jesus serviu-Se com frequência de alegorias e metáforas, ampliando-as ao nível de *analogias* bem desenvolvidas. Ele comparou a Sua geração a crianças a brincar nos mercados e a gritarem para os seus companheiros: “Tocámo-vos flauta, e não dançastes: cantámo-vos lamentações, e não chorastes” (Lucas 7:32). Depois, prosseguiu descrevendo como muitos tinham, semelhantemente, escolhido rejeitar tanto o ministério de João Baptista como sendo demasiado austero, e o do Filho do homem como sendo demasiado condescendente. Noutra ocasião, Cristo chamou a atenção para a hipocrisia e para a religiosidade superficial dos escribas e dos Fariseus, comparando-os a “sepulcros caiados, que por fora realmente parecem formosos, mas, interiormente, estão cheios de ossos de mortos” (Mateus 23:27). De igual forma, Cristo usou as analogias da figueira na Primavera e da galinha juntando os seus pintainhos.

Quando ensinava certos conceitos, Jesus usava *objectos tangíveis*. Certo dia, um grupo de Fariseus e Herodianos foram ter com Jesus e perguntaram-Lhe: “É lícito dar o tributo a César, ou não?” “Trazei-me uma moeda”, respondeu Jesus. Quando Lhe levaram a moeda, Ele perguntou: “De quem é esta imagem?” “De César”, responderam. “Dai, pois, a César o que é de César”, afirmou Jesus, “e a Deus o

que é de Deus” (Marcos 12:14-17). Noutras ocasiões, Jesus usou as imagens de uma figueira murcha para ilustrar o poder da fé; de corvos e lírios para exemplificar uma calma confiança em Deus; e do pão e do vinho para simbolizar o Seu próprio sacrifício.

Jesus colocava *questões* de uma forma eficaz. Como professor, Ele fazia uso das perguntas por uma série de razões: para recordar o que era conhecido, esclarecer conceitos, corrigir ideias erradas, orientar o pensamento, estimular o pensamento pessoal, firmar a verdade na mente e incentivar uma resposta de fé.

Jesus convidava os Seus ouvintes a envolverem-se em *análises e raciocínios*. Quando os Seus opositores declararam que Ele expulsava demónios em nome de Belzebu, o príncipe dos demónios, Jesus replicou: “Como pode Satanás expulsar Satanás? E, se um reino se dividir contra si mesmo, tal reino não pode subsistir; e se uma casa se dividir contra si mesma, tal casa não pode subsistir” (Marcos 3:23-25).

Jesus envolveu os Seus alunos na *resolução de problemas*.

A juntar aos problemas das histórias – como aquele dos filhos do dono de uma vinha – Jesus usou experiências de aprendizagem como uma forma de resolver problemas. Depois de ter estado a ensinar um grupo de milhares, os Seus discípulos foram ter com Ele ao fim da tarde e disseram: “Despede a multidão, para que, indo aos lugares e aldeias em redor, se agasalhem e achem de comer; porque aqui estamos em lugar deserto.” Jesus respondeu: “Dai-lhes vós de comer” (Lucas 9:12-13).

Em várias ocasiões, Cristo orientou os Seus alunos através de *comparações e contrastes*. A parábola do homem prudente e do homem insensato é um excelente exemplo. Havia aspectos em comum – construir uma casa, receber instruções, enfrentar uma tempestade. Mas havia também elementos distintos – os alicerces, a implementação do conhecimento e o resultado final. Cristo também contou a história da parábola das dez virgens, todas elas à espera do noivo e todas elas a dormitarem. Contudo, cinco tinham levado azeite extra. Estas entraram na alegria da celebração do casamento, enquanto as outras viram a sua entrada impedida.

Cristo queria que os Seus alunos se debatessem com os enigmas e, assim, se envolvessem em pensamentos profundos. Aqui estão alguns exemplos de *paradoxos e anomalias* que Ele usou com esse propósito: “Mas, todo aquele que quiser, entre vós, fazer-se grande, seja vosso serviçal. E, qualquer que entre vós quiser ser o primeiro, seja vosso servo”

(Mateus 20:26-27); “Qualquer que procurar salvar a sua vida, perdê-la-á, e, qualquer que a perder, salvá-la-á” (Lucas 17:33); “Muitos primeiros serão derradeiros, e muitos derradeiros serão primeiros” (Marcos 10:31).

No tempo de Jesus, muitos tinham a ideia de que a pobreza era uma maldição de Deus, enquanto a riqueza era uma evidência do Seu favor. Ao refutar esse falso juízo, Jesus afirmou: “É mais fácil entrar um camelo pelo fundo de uma agulha, do que entrar um rico no reino de Deus” (Lucas 18:25). Apontando para a visão míope dos Fariseus relativamente às coisas vulgares, Ele declarou: “Condutores cegos! Que coais um mosquito e engolis um camelo” (Mateus 23:24). Discutindo a tendência humana para encontrar faltas nos outros, Jesus falou sobre remover a trave do nosso olho antes de nos concentrarmos no cisco do olho do outro. Em cada um dos casos, Jesus serviu-Se de uma *hipérbole* para sublinhar um conceito e torná-lo memorável.

Na prisão, João Baptista questionou-se sobre se Jesus seria verdadeiramente o Messias. Ele enviou os seus discí-

pulos para Lhe perguntarem. Jesus não respondeu de imediato. Em vez disso, continuou com as actividades do Seu ministério. No fim do dia, Jesus disse a estes discípulos: “Ide e anunciai a João as coisas que ouvís e vedes: os cegos vêem, e os coxos andam; os leprosos são limpos, e os surdos ouvem; os mortos são ressuscitados, e aos pobres é anunciado o evangelho” (Mateus 11:4-5). Contudo, talvez o maior exemplo do



ensino interpretativo de Cristo tenha tido lugar no aposento alto. Depois da refeição ter terminado, Jesus levantou-Se da mesa, enrolou uma toalha à volta da cintura, e começou a lavar os pés aos Seus discípulos.

Jesus acreditava que era importante para os Seus alunos envolverem-se numa *aprendizagem activa*. Certo dia, os cobradores de impostos do templo foram ter com Pedro e perguntaram: “O vosso mestre não paga as didracmas?” “Sim”, respondeu Pedro. Quando Pedro entrou em casa, Jesus perguntou: “Que te parece, Simão? De quem cobram os reis da terra os tributos, ou o censo? Dos seus filhos, ou dos alheios?” “Dos alheios”, replicou Pedro. “Logo, estão livres os filhos”, disse-lhe Jesus. “Mas, para que os não escandalizemos, vai ao mar, lança o anzol, tira o primeiro peixe que subir, e, abrindo-lhe a boca, encontrarás um estáter; toma-o, e dá-o por mim e por ti” (Mateus 17:24-27).

Poder-se-ia concluir que, com tantas aldeias e cidades para alcançar, e com um período tão curto de ministério disponível, Cristo enviaria os Seus alunos para individualmente

EXEMPLOS DOS ENSINOS DE CRISTO

Nicodemos (João 3:1-21)

Disponibilidade. O aluno veio à noite, fora das “horas de trabalho”.

Desafio. “Tu és mestre de Israel, e não sabes isto?” (João 3:10).

Anomalia. “Necessário vos é nascer de novo” (João 3:7).

Analogia. Comparou o Espírito Santo com o vento.

Acontecimento Histórico. Moisés levantando a serpente no deserto.

Contraste. Luz *versus* escuridão, condenação *versus* Salvação.

Transição. Do concreto ao abstracto, do físico para o espiritual.

Dimensão afectiva. “Porque Deus amou o mundo de tal maneira...” (João 3:16).

Objectivo. Experimentar a salvação e entrar na vida eterna.

O resto da história. João 7:45-52; 19:38-40.

A Mulher Samaritana (João 4:5-26)

Aluna marginalizada. Uma mulher, uma minoria, ostracizada pela sua própria comunidade.

Disponibilidade. Jesus sentou-Se junto ao poço.

Iniciativa. Jesus pediu-lhe: “Dá-me de beber” (João 4:7).

Motivação. Começa com água, o interesse imediato da aluna.

Anomalia. “Nunca terá(s) sede” (João 4:14).

Transição. Do conhecido para o desconhecido, do físico para o espiritual, do imediato para o eterno.

Aprendizagem activa. “Chama o teu marido” (João 4:16).

Esclarecimento do conceito. A adoração não é um local, mas uma experiência espiritual.

Objectivo. Conhecer Deus e experimentar o Seu poder transformador.

O resto da história. João 4:39-42.

colocarem em prática o que tinham aprendido. Quando comissionou os doze discípulos, contudo, Jesus enviou-os dois a dois. Da mesma forma, Ele enviou cerca de outros setenta para se envolverem numa *aprendizagem colaborativa*.

Jesus sabia que os conceitos cruciais não se aprendem numa única exposição. É necessária a *repetição*. No entanto, para reforçar e evitar a monotonia, Jesus incorporou a *variedade*. Um assunto crítico nos ensinamentos de Jesus, por exemplo, era o reino dos Céus. Numa ocasião, Ele disse aos Seus ouvintes: “A vós é dado conhecer os mistérios do reino dos Céus” (Mateus 13:11). Depois, prosseguiu com a abordagem do conceito a partir de múltiplas perspectivas. “O reino dos Céus”, disse Ele, “é semelhante ao homem que semeia boa semente no seu campo” (Mateus 13:24), “ao grão de

mostarda” (Mateus 13:31), “ao fermento que uma mulher toma e introduz em três medidas de farinha” (Mateus 13:33), “a um tesouro escondido num campo” (Mateus 13:44), “ao homem, negociante, que busca boas pérolas” (Mateus 13:45), “a uma rede lançada ao mar, que apanha toda a qualidade de peixes” (Mateus 13:47).

O Impacto dos Seus Ensinos

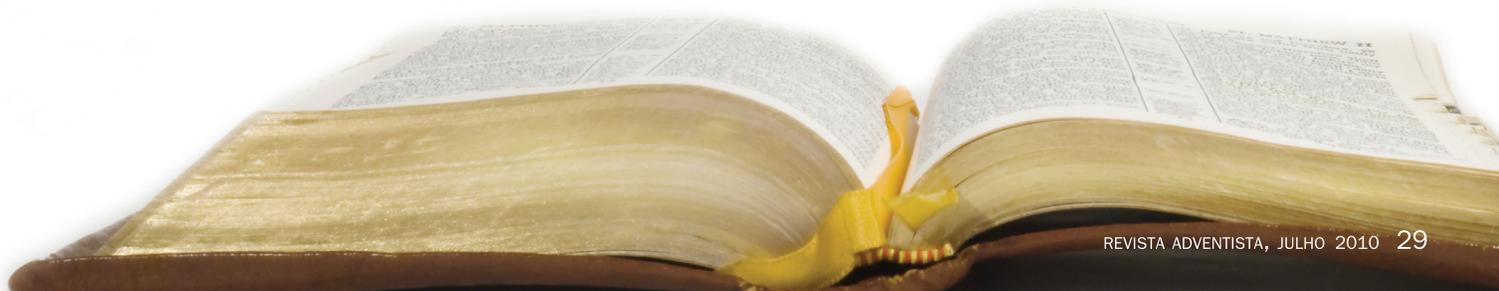
As estratégias de ensino usadas por Jesus exerceram uma profunda influência sobre os Seus alunos. Quando Ele ensinava, os Seus ouvintes surpreendiam-se com os Seus ensinamentos, pois Ele falava com confiança, contrariamente aos doutores da lei. Voltando-se uns para os outros com admiração, perguntaram: “De onde lhe vêm estas coisas?” (Marcos 6:2). “Nunca tal se viu em Israel” (Mateus 9:33).

Certo dia, alarmados com a Sua crescente popularidade, os principais dos sacerdotes mandaram os guardas do templo prendê-l’O. Ao fim do dia, os guardas regressaram de mãos vazias. “Porque o não trouxeste?” (João 7:45), perguntaram enfurecidos os sacerdotes. “Nunca homem algum falou assim como este homem” (João 7:46), declararam os guardas. Após a Sua ressurreição, Cristo apareceu incógnito a dois discípulos na estrada para Emaús e começou a conversar com eles. Mais à tardinha, quando por fim se aperceberam de quem tinha sido o seu convidado, eles exclamaram: “Porventura não ardia em nós o nosso coração quando, pelo caminho, nos falava, e quando nos abria as Escrituras?” (Lucas 24:32).

A influência de Jesus, o Professor enviado de Deus, também pode ser experimentada na nossa vida. Parafraseando as palavras do apóstolo João: Jesus também fez muitas outras coisas. Se cada uma delas fosse escrita, acredito que não haveria lugar em todo o mundo para guardar os livros que seriam escritos. Mas estes foram escritos para que possam ter fé em Cristo, o Filho de Deus; e tendo fé, possam *ensinar como Ele ensinou*. ■

John Wesley Taylor V

Reitor da Faculdade de Educação e Psicologia da Southern Adventist University. Pode ser contactado através do endereço de e-mail jwrtv@southern.edu



Carregal do Sal

Adormeceu no Senhor

Lembramos com saudade a nossa querida irmã Ilda Babet Cid Cabral Matos Correia da Costa, que descansou no Senhor no dia 26/3/2010, com a linda idade de 90 anos. À sua filha Maria Adelaide (“Milai”) e ao seu filho e restante família desejamos dar uma palavra de ânimo e esperança, com a certeza de que ela ouvirá o chamado do Senhor na gloriosa manhã da ressurreição. Isto dizemos baseados na sua vida de fidelidade ao Senhor, como membro da Igreja Adventista do Sétimo Dia. A sua grande alegria era partilhar a esperança que tinha com as pessoas com quem privava. Além do dom que tinha para a pintura, ela ainda tinha o dom da poesia, e podemos sentir a sua fé nas lindas poesias que compunha. Desejamos que o seu exemplo de fidelidade e entusiasmo na partilha da fé possa ser seguido, dum modo muito especial pelos seus familiares e amigos, que tiveram o privilégio de a acompanhar nesta Terra.

Ana Lemos

Dep. de Relações Públicas

Vila do Conde

“Caminho para a Esperança”

Em Vila do Conde, entre os dias 3 e 10 de Maio, viveram-se dias emocionantes.

À semelhança do que se passou um pouco por todo o país nesta data, teve lugar a Campanha de Evangelização, no âmbito da distribuição do Livro Missionário “O Caminho para a Esperança”.

Fomos grandemente abençoados nestes dias.

Tivemos o privilégio de escutar as mensagens pela voz do irmão Tiago Alves que, com grande dinamismo, “prende” as pessoas às mensagens,



noite após noite. A ele, o nosso agradecimento público pela sua pronta disponibilidade e amizade.

Os momentos especiais foram diversos, desde a música à poesia. Gratos estamos a todos aqueles que se disponibilizaram prontamente a fazerem longas viagens, para nos presentear com os seus dons. Contámos com a participação de irmãos das igrejas de São Mateus, Pedroso e Braga. A eles, o nosso sincero obrigado.

Louvamos a Deus, porque temos a consciência de que sem Ele nada podemos e nada somos. A Ele o nosso agradecimento pelas 17 pessoas que nos visitaram durante os dias da Campanha de Evangelização. Foi por elas que todo este empreendimento fez sentido; elas já estavam no Seu pensamento e Ele não as esqueceu. Oramos a Deus para que, através do Seu Santo Espírito, as conduza sempre.

Paula da Silva

Dep. de Comunicação

Funchal

O “Caminho para a Esperança”

À semelhança do que aconteceu em todo o nosso país, realizou-se, na igreja do Funchal, de 1 a 8 de Maio, a Campanha de Evangelização “Caminho para a Esperança”.

Foi com grande empenho e alegria que a campanha foi preparada e com a esperança de ver caras novas sentadas nos bancos da nossa igreja.

Durante esta semana, em que tivemos o privilégio de dedicar mais algum tempo ao nosso bom Deus, pudemos contar com 89 membros, 21 crianças e 29 visitas; 2 candidatos ao baptismo, 1 pedido de estudos bíblicos e 1 pedido de visitação.

Reconhecemos que Deus está ao leme e que, em suas casas, estão muitas pessoas a receber o Seu espírito, ao ler o livro missionário. Que Deus possa orientar e guiar a cada uma delas, para que consigam encontrar o verdadeiro Caminho para a esperança.

Daniela Moreira

Departamento de Comunicação

Porto

Igreja do Porto

Foi com enorme alegria que a Igreja do Porto acolheu a jovem Luísa Morais, que se batizou no encerramento do Acampamento Regional Norte 2010, realizado em Viana do Castelo.

A jovem Luísa Morais é filha dos nossos irmãos Cidália e António Morais, da igreja de Matosinhos, que têm dedicado a sua vida à causa de Deus. O baptismo foi realizado pelo Pr. Rúben de Abreu.

A igreja do Porto ora para que Deus possa continuar a abençoar e dirigir a vida desta nossa nova irmã e dos seus familiares.



Servir... Ajudar... Partilhar...

A ADRA da Igreja do Porto, em parceria com a ADRA de Ermesinde, está a realizar o Projecto “OLHOS NOS OLHOS” para os Sem-Abrigo nas ruas da cidade do Porto.

Levamos o nosso calor humano aos mais desfavorecidos. Servir Deus é também levar a mensagem de Esperança, porque amar Deus é darmos-nos aos outros.

Os jovens do Projecto Renascer da Igreja do Porto e a ADRA de Ermesinde oferecem sopa quente, sandes, iogurtes, roupa e a Palavra de Deus.



Oferecem o seu tempo e o seu calor humano aos mais desfavorecidos, aqueles que fazem da calçada cama, e de pedaços de cartão travesseiros, cobertores e lençóis.



Encontramos situações de pessoas sem rumo, onde a nossa presença é uma luzinha de Esperança.

Há pouco tempo, ouvi este comentário: “Não esqueças este nome: ADRA, eles são Adventistas... Agradecemos a Deus pela vossa presença.”

Hoje, é urgente que os nossos olhos não se fechem à miséria e que as nossas mãos se abram num gesto de partilha nos Caminhos da Solidariedade.

O amor incondicional pelos outros é um veículo das bênçãos que Deus deseja distribuir pelos Seus filhos. Devemos olhar para os outros através dos olhos de Cristo.

Martin-L. King disse: “Se ajudo uma pessoa a ter esperança, não terei vivido em vão.”

Este é o nosso desafio, esta é a nossa missão.

“O Caminho Para a Esperança”

“... Estas conferências foram muito importantes para nós, pois fundamentalmente permitiram-nos saber quem somos, quem é Deus, e conhecer bem o único caminho para chegarmos a Deus e nos relacionarmos com Ele, na nossa condição de pecadores, que é por intermédio de Jesus.

As mensagens que nos foram transmitidas pelo Pastor Eduardo Teixeira foram muito objectivas, claras e simples, importantes para aqueles que as ouviam pela primeira vez. Ficámos mais enriquecidos no conhecimento e mais próximos de Deus, com vontade de O amarmos ainda mais.

Louvado seja Deus por isso!”

Alice Santos

“... Tomei a decisão de me entregar a Deus através do Baptismo.”

João Peixoto

Álvaro Bastos
Dep. Relações Públicas





SOMOS OBSERVADOS

QUE IMAGEM
DE DEUS
ESTAMOS A
TRANSMITIR?

ROY ADAMS

Como Cristãos, estamos a ser observados de perto, quer gostemos ou não. Somos como uma cidade iluminada no alto do monte, observada em toda a área envolvente.

Em certo sentido, as conclusões a que as pessoas chegam são da sua responsabilidade. Mas o que nos deveria preocupar é se – pela nossa atitude ou comportamento – levamos as pessoas a pensar mal (ou a menosprezar) da religião e de Deus.

São os Adventistas diferentes?

Sempre me impressionou o quão de perto as pessoas observam os Cristãos – os Cristãos como um todo. Há algum tempo, mencionei num artigo o caso do ateu britânico Christopher Hitchens. Um homem brilhante, com “uma mente rápida e cruel” (como um autor o descreveu),¹ Hitchens tem tido a paixão de expor os “esqueletos escondidos nos armários” de todas as organizações religiosas que podia encontrar. E no seu livro *Deus não é grande: Como a religião envenena tudo*,² ele relata um incidente durante um programa televisivo, no qual Dennis Prager, apresentador religioso americano, o desafiou com uma questão hipotética.

Um bom adventista vê em cada ser humano um potencial candidato para o Reino de Deus.

Hitchens teria de imaginar que se encontrava numa cidade estranha ao cair da noite e que um grupo grande de homens se aproximava dele. Sentir-se-ia mais seguro ou menos seguro se soubesse que “eles tinham vindo de uma reunião de oração”?³

A sua resposta foi a seguinte: “Mencionando apenas a letra ‘B’, de facto já tive essa experiência em Belfast, Beirute, Bombaim, Belgrado, Belém e Bagdad. E em cada caso posso afirmar categoricamente, e dar as minhas razões, porque é que me sentiria ameaçado, se eu soubesse que o grupo de homens que se aproximava de mim ao anoitecer tinha vindo de um serviço religioso.”⁴ O seu argumento era que a religião era a maior produtora de alguns dos mais violentos fanáticos.

Infelizmente, críticos como Hitchens não precisam de ir muito longe para levar a água ao seu moinho destrutivo. Por exemplo, uma proeminente personalidade de uma televisão religiosa, a seguir ao sofrimento inimaginável do povo Haitiano provocado pelo recente sismo, escolheu esse momento como o melhor para lhes lembrar um pacto qualquer, que, afirmava ele, os seus antepassados tinham feito com Satanás na altura da independência do País – dando a entender que o diabo estava apenas a cobrar o devido.⁵ Tais palavras imprudentes são acolhidas com alegria pelos críticos que reúnem munições para denunciar todos os Cristãos.

Num outro incidente, foi recentemente revelado que um fabricante de miras para material bélico para o governo dos Estados Unidos gravou referências bíblicas nas miras

das metralhadoras do exército americano,⁶ reacendendo sem querer, a memória das Cruzadas. E, como se isso não fosse suficientemente ofensivo, num noticiário, um comentador conservador (tudo indica que seja um Cristão), acusou os terroristas Muçulmanos de terem começado. “O que é que eles dizem imediatamente antes de se fazerem explodir a eles próprios e aos outros?”, perguntou este comentador. “Não é ‘Allah akhbar!’ (Deus é grande)?”

Ora aí está – eles começaram! É uma afirmação estúpida, mas tem influência em todos nós. Numa das suas canções, John Lennon dos famosos Beatles, pediu às pessoas para “imaginem” um Mundo onde não “houvesse nada para matar, nada por que alguém desejasse morrer, e também nenhuma religião; imaginem todas as pessoas a viverem pacificamente...” As frases provocantes querem implicar que um pré-requisito para um Mundo em paz seja a ausência de religião.

Como Cristãos Adventistas do Sétimo Dia, não podemos evitar partilhar de qualquer estigma que paire sobre a comunidade cristã alargada. Mas a questão fundamental para nós como grupo é: *Já ultrapassámos a universal tendência humana para o ódio e o fanatismo? Estamos nós fora de perigo?* Se o grupo

de homens que, na escuridão, se aproximava daquele desconhecido fosse adventista, sentir-se-ia ele seguro?

Por tudo o que sei da nossa Igreja, penso que sim. Seria seguro encontrar um grupo de homens Adventistas – ao meio-dia ou na noite mais escura.

Dando um passo em frente

Embora possamos satisfazer facilmente o hipotético desafio de Prager, haverá outros cenários em que tal não aconteça tão facilmente, em que até possamos ter nota negativa.

Considere este exemplo: Como membro de uma minoria étnica, muda-se para uma extensa área suburbana, num país “desenvolvido”. Poderá você e a sua família contar inequivocamente com as boas-vindas em *qualquer* Igreja Adventista que escolha frequentar? Qual é a resposta? E imagine que mais pessoas parecidas consigo continuam a chegar e a juntar-se à igreja. Por quanto tempo se manteria a passadeira vermelha?

Vou pôr a questão de outra maneira: São as nossas igrejas locais casas de oração “para todos os povos”? São todos bem vindos, independentemente da sua etnia ou raça? Ou há uma fuga de um grupo étnico, assim que a percentagem de certos outros grupos aumenta? As pessoas estão a comparar as palavras piedosas com as acções e comportamentos que não são correspondentes.

Comentando a passagem de Mateus 5, acima citada, Ellen G. White observa que Jesus veio derrubar todas as “bar-

reiras” que dividiam as pessoas. “(Ele) quebra o preconceito da nacionalidade e ensina o amor para com toda a família humana... Ele aboliu todas as fronteiras e as distinções artificiais da sociedade.”⁷

(Neste ponto, eu provavelmente deveria esclarecer que não estou aqui a lidar com as estruturas da Igreja, como a encontramos na América do Norte. De tempos a tempos ouço comentários sobre conferências separadas por etnias, nos Estados Unidos, que considero um erro e sem qualquer fundamento histórico. Não é aí que quero chegar. Estou a focar aqui as pessoas que se sentam nos bancos das nossas igrejas).

Alguns podem pensar que a maneira de resolver o problema da fragmentação e da separação seria idêntica a misturar as frutas num cesto – misturar aleatoriamente os membros das Igrejas, por assim dizer, integrando todas as congregações racial e etnicamente.

Correndo o risco de parecer uma contradição, não favoreço esta abordagem. A questão da escolha do local onde as pessoas prestam culto é muito complicada, e envolve considerações sobre os estilos de adoração e como esses estilos afectam o temperamento, a personalidade, a experiência, a vivência e as circunstâncias. Estamos a falar de um assunto muito sensível. Para citar um ditado que aprendi na escola primária: “Gostos não se discutem.”

Mas agora volto à questão inicial: Se é apenas (e só) uma questão de preferência pessoal de culto, tenho dificuldade em ver porque é que existem tantas fracturas ao nível racial e étnico. De facto, porque é que não existe “um cesto de fruta variada” (não feito de propósito) – tal como as preferências por carros, estilos de roupa ou escolhas alimentares? É verdade que certos grupos étnicos têm preferência por certo tipo de cozinha, mas vá a um qualquer restaurante típico e encontrará (sem trocadilhos intencionais) uma ampla variedade étnica de padrões. Então, porque não acontece o mesmo relativamente à escolha do local de culto? E é neste aspecto que observadores perspicazes começam a suspeitar que, provavelmente, haverá mais alguma coisa.

Encarando uma audiência cínica

Tenho estado a observar as actividades dos Médicos Sem Fronteiras há anos, provavelmente décadas. Os membros desta organização humanitária secular aventuram-se nas situações mais problemáticas e perigosas, arriscando a vida e a integridade física para aliviar os necessitados.

Na sua Declaração de Missão (no site dos Médicos Sem Fronteiras), descrevem-se a si próprios como providenciando “assistência à população em situação afiliva, às vítimas de desastres naturais ou resultantes da acção do homem e às vítimas de conflitos armados”. E continua dizendo que “fazem isso, independentemente de raça, religião, credo ou convicção política”. Segundo o artigo da Wikipédia sobre o grupo, acreditam que “todas as pessoas têm direito à assistência médica..., e que as necessidades dessas pessoas vão além do respeito pelas fronteiras nacionais”.

Seria óptimo ter “Adventistas Sem Fronteiras”! É o tipo de atitude que precisamos ao encarar uma geração que se tornou exponencialmente cada vez mais crítica, comparativamente a alguns anos atrás. As pessoas tornaram-se mais duras, cínicas, esgotadas. Em resposta, tendemos a optar por soluções complicadas, mas as respostas de Deus são muitas vezes simples, terra a terra, directas. Ouçamos o que Ellen G. White diz: “Se nos humilhássemos perante Deus e fôssemos amáveis, corteses e compassivos, haveriam cem conversões à verdade onde agora há apenas uma.”⁸

Isto implica uma consideração e apreço genuínos uns pelos outros. Envolve a perspectiva de um trabalho em conjunto, como uma grande família que somos em Jesus, de braço dado, num mundo dividido. A reputação de Deus foi severamente abalada ao longo dos séculos e, humanamente falando, temos a oportunidade de ajudar a restaurá-la.

Durante a época de futebol americano de 2007, os New England Patriots tiveram uma série de bons resultados e venceram todos os jogos em que entraram. Mas, no Domingo da final, nos últimos momentos do jogo, com menos de um minuto para jogar, Plaxico Burress, o receptor dos New York Giants, apanhou um passe do defesa Eli Manning, e acabou por marcar, ganhando o jogo!

Foi um momento electrizante! Manning é branco; Burress é negro; mas nem por um momento isso fez qualquer diferença. Eles pertenciam à mesma equipa!

Com a sua mensagem da Criação, os Adventistas do Sétimo Dia têm o incentivo mais forte para trabalharem em harmonia para alcançar cada cultura, cada pessoa. Um bom adventista vê em cada ser humano um potencial candidato para o reino de Deus. Quando compreendermos verdadeiramente a nossa mensagem, veremos que é exactamente o oposto de limitada; exactamente o oposto de isolada; exactamente o oposto de exclusivista. A boa notícia é que, através da maravilhosa graça do nosso incomparável Redentor, milhões e milhões – uma multidão multiétnica, multicultural e multirracial – estarão um dia de pé, juntos, no mar de vidro, perante o trono de Deus.

As pessoas observam-nos. Que possamos ser verdadeiramente uma cidade iluminada no alto do monte! ■

Roy Adams

Editor associado da Adventist Review

Referências

1. Michael Novak, *No One Sees God* (Ninguém vê Deus), Nova Iorque, Londres, Toronto: Doubleday, 2008, p. 58.
2. New York: Twelve Hachette Book Group, 2007.
3. *Idem*, p. 18.
4. *Ibidem*.
5. A intervenção de Pat Robertson foi largamente comentada nos dias seguintes ao sismo de 12 de Janeiro.
6. <http://detnews.com/article/20100121/METRO02/1210471/Wixom-gun-sight-maker-will-stop-inscribing-biblical-references>.
7. Ellen G. White, *Pensamentos sobre o Sermão da Montanha* (*Mountain View, Calif.: Pacific Press, 1956*), p. 42.
8. Ellen G. White, *Testemunhos para a Igreja*, vol. 9, p. 189.

O Último INIMIGO

QUANDO, AOS 24 ANOS DE IDADE, ME UNI À IGREJA ADVENTISTA DO SÉTIMO DIA, todo o meu tesouro terrestre cabia dentro de um Plymouth Valiant castanho, de 1974, que incluía (depois de o banco de trás ter sido retirado) uma placa de contraplacado que me servia de cama. Ainda deslumbrado com a paixão e o fogo do meu “primeiro amor” (Apocalipse 2:4), eu não precisava de mais nada: o Senhor viria em breve, então quem é que tinha tempo para acumular aquilo que, de qualquer forma, estava destinado ao “lago de fogo” (Apocalipse 20:14)? Com pouco a prender-me aqui, eu estava mais do que preparado para ser queimado vivo em favor da minha fé.

Agora, avancemos rapidamente (e quero mesmo dizer rapidamente) 30 anos. Embora dificilmente possa ser considerado “um homem de posses”, tenho consideravelmente mais do que o que poderia caber num Plymouth. Entre a minha família, o meu lar, o meu ministério, e até a minha miserável conta-poupança, já fiz mais investimentos neste mundo agora do que quando reparava o meu velho Valiant.

Isto explica, penso eu, a razão por que considerei a frase seguinte de *The Screwtape Letters*, de C. S. Lewis, tão desalentadoramente verdadeira: “Vai aperceber-se de que os jovens estão por norma mais dispostos a morrer do que as pessoas de meia-idade ou as idosas.” Eu amo o Senhor, eu amo esta igreja, eu amo a verdade presente; mas, tal como *Screwtape* expressou tão sensatamente, o Clifford Goldstein de 54 anos de idade não está tão pronto a morrer por eles como estava o seu “rascunho”.

Porquê? Aos 24 anos eu tinha toda a vida à minha frente; aos 54 anos, embora ainda não tenha chegado ao cimo da colina, se me esticar um pouco, posso ver o topo, algo que há 30 anos me parecia não ter qualquer importância. Quanto mais tempo vivo, mais estacas coloco num mundo que, quanto mais tempo vivo, mais cruelmente revela a minha transitoriedade. Se 10 anos parecem o passar do dia de ontem, então os próximos 10 assemelhar-se-ão ao dia de amanhã. Cada dia que passa traz-nos para mais perto da morte ou da Segunda

Vinda. Assim, cada dia deveria ensinar-nos quão volátil é esta existência. A ironia, no entanto, é que cada dia também nos permite ter um tempo extra para nos agarrarmos mais firmemente a este lugar, o que é o mesmo que fixar um cubo de gelo numa superfície quente.

É estranho: à medida que envelheço sinto-me como que a extinguir-me. Perdi a sensibilidade auditiva aos sons agudos. Preciso de óculos com graduação cada vez mais forte para conseguir ler. A minha energia muscular está a enfraquecer. Penso que até estou a ficar mais baixo! Costumava ter um cabelo ondulado, farto e preto, que agora está cinzento, ralo e fino. Com a excepção de uma chapa de metal e de sete parafusos na anca (cortesia de uma lesão feita o ano passado durante um jogo de hóquei), estou a desvanecer-me (isto faz-me recordar as palavras de Tiago acerca de sermos um “vapor” [Tiago 4:14]). A única coisa que estou a acrescentar é um espaço negativo, rugas – os graffitis do tempo, o que constantemente me lembra que a minha passagem aqui é apenas isso, uma passagem.

Mais uma vez surge aquele paradoxo: quando mais tempo vivo, mais eu ponho neste mundo e, por isso, maior é a sua atracção, ainda que haja menos de mim para ser atraído.

A resposta? Não sei exactamente qual é. Embora sejamos apenas “estrangeiros e peregrinos na Terra” (Hebreus 11:13), esta Terra é o único lar que conhecemos (e não há lugar melhor do que a nossa casa, não é?). Tudo o que podemos fazer é mantermos sempre esta noção da transitoriedade desta vida diante de nós, o que não é difícil de se fazer;

é só doloroso, nada mais, porque, como humanos feitos à “imagem de Deus”, não fomos criados para morrer. Assim, algo primordial em nós, que ecoa a partir do Éden, insurge-se contra a morte, “o último inimigo” (I Coríntios 15:26).

Se dependesse de nós, a nossa situação seria tão terrível e irremediável como parece. É por essa razão que, separados da cruz e das promessas que ela oferece, somos vítimas de um cruel paradoxo: a nossa mente – que pode contemplar o eterno – é composta por matéria que não o é, e o pior é que o sabe.

W. H. Auden escreveu: “Nada do que é possível pode salvar-nos. Nós, que devemos morrer, pedimos um milagre.”

Com certeza que o fazemos. Felizmente, temos esse milagre em Jesus. ■

Clifford Goldstein

Editor do Guia de Estudo da Bíblia da Escola Sabatina dos Adultos.

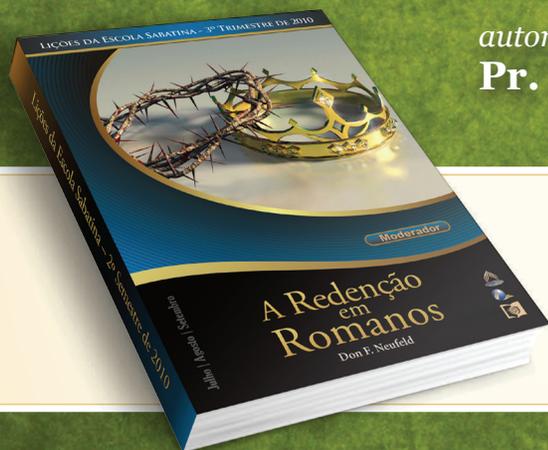
Lançamento

Publicadora SERVIR 



preço de lançamento
€5,50

autor
Pr. Roberto Badenas



Prepare-se para o estudo da lição do 3º Trimestre de 2010 através da leitura de um **livro** surpreendente!

Encomende já na livraria da sua igreja!



UNIÃO PORTUGUESA DOS ADVENTISTAS DO SÉTIMO DIA
Área Departamental de Evangelismo, Escola Sabatina e Ministério Pessoal